

2º CICLO  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

# **A aquisição do acento primário do inglês pelos falantes do português como L1**

Leonardo Alcântara Arrais

**M**

2020



Leonardo Alcântara Arrais

# **A aquisição do acento primário do inglês pelos falantes do português como L1**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pelo Professor  
Doutor João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020



Leonardo Alcântara Arrais

# A aquisição do acento primário do inglês pelos falantes do português como L1

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pelo Professor Doutor João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

## Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

*Antes de tudo e, sobretudo, a Deus.*

*À minha mãe pelo apoio sempre incondicional.*

*Ao Vinícius e a Leandra pela honra de ser pai.*

*À minha querida Edyta Ulanowicz por todo o carinho e apoio.*

*Aos que já foram e serão os meus discentes pela oportunidade de participar na sua  
educação.*



# Sumário

Declaração de honra .....	5
Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Abstract .....	8
Índice de Figuras .....	9
Índice de Quadros.....	10
Lista de abreviaturas e siglas.....	11
Introdução.....	12
1. Acento .....	15
1.1. Aspetos Gerais.....	15
1.1.1. O acento na teoria da estrutura rítmica.....	17
1.1.2. O acento na teoria do acento métrico .....	20
1.1.3. A noção de peso silábico .....	24
1.2. O acento na língua portuguesa .....	27
1.2.1. A herança latina no acento do português .....	27
1.2.2. O sistema acentual dos nomes .....	29
1.2.2. O sistema acentual dos verbos .....	34
1.2. O acento na língua inglesa .....	38
2. A aquisição do acento primário do inglês por falantes do PB .....	44
2.1. A aquisição de L2 .....	44
2.1.1. A perspetivação da aquisição de L2 pelo gerativismo .....	44
2.1.2. A Teoria dos Princípios e Parâmetros na aprendizagem de L2.....	46
2.1.3. O atrito linguístico na aquisição de uma L2 .....	49
2.2. A sílaba e a aquisição do acento do português e do inglês .....	52
2.2.1. A relação entre a sílaba e o acento .....	53
2.2.2. A relação entre a sílaba e o sistema acentual do português .....	55
2.2.3. A relação entre a sílaba e o sistema acentual do inglês .....	59
3. Discussão .....	64
3.1. A relação entre os sistemas acentuais do inglês e do português.....	64
3.1.1. A distinção dos tempos verbais pela posição do acento .....	64

3.1.2. A noção de peso silábico na interação entre os dois sistemas acentuais .....	66
3.2. A relação entre os questionamentos e hipóteses com a teoria de aquisição de L2 .....	68
3.2.1. O possível papel do afixo do português na definição do acento do inglês .....	69
3.2.2. A possível transferência da sensibilidade ao peso silábico.....	71
Considerações finais .....	73
Referências bibliográficas .....	77



## **Declaração de honra**

Declaro que a presente dissertação de Mestrado é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 29 de setembro de 2020

Leonardo Alcântara Arrais

## Agradecimentos

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.*

(Verso da poesia “O Infante” de Fernando Pessoa)

Nos dois anos vividos em Portugal, esse verso de Fernando Pessoa regeu não apenas a elaboração desta dissertação, mas toda a minha vida. Versar sobre as minhas aventuras vividas no outro lado do Atlântico demandaria um texto de uma extensão tão grande quanto a de um tratado. Entretanto, na direção inversa da percorrida há mais de 500 anos por Pedro Álvares Cabral, muitos brasileiros, angolanos, moçambicanos, entre tantos outros portadores da língua de Pessoa e Camões, chegam à Portugal. À alguns deles, a alguns portugueses e outras pessoas de nacionalidades distintas, mas não menos importantes nessa aventura, a minha honra em citar.

À partida, ousa descrever em poucas palavras a minha gratidão por todos os professores do Mestrado em Linguística da Universidade do Porto. Dentre eles, ressalta-se o querido e admirável professor Doutor João Veloso pelo seu entusiasmo transmitido durante as aulas de fonologia, o acolhimento e as orientações fulcrais na elaboração deste trabalho.

Não menor do que a grandeza dos professores é a das amizades construídas no Porto, dentre as quais, sublinha-se a do irmão que ganhei, Timóteo Sumbula. Como se não bastasse um irmão, Deus ainda me agraciou com tantos outros amigos, Jeremias Pessela, Júlio Barbosa, Rute Rebouças, Sarmiento Mazivila, Helena Lopes e o Emílio Ladislau. Para além dos amigos de outras nacionalidades, caminhei junto a outros compatriotas, dentre eles ressalto, Rafaela Soares, Daniella Basílio, Déborah Maciel, Sandra Costa e Caroline Picolo. A todos eles uma só palavra: gratidão.

As amizades dão-nos ânimo para seguir a jornada. Essa sensação faz chegarmos a lugares nunca imaginados. Nesse sentido, agradeço a todos os meus queridos colegas da Residência Universitária Alberto Amaral, sem vocês não saberia a felicidade de viver numa comunidade estudantil tão unida.

Por fim, agradeço infinitamente ao meu grande amor: Edyta Ulanowicz.

## Resumo

Esta dissertação objetiva discutir de que forma a aquisição do acento primário do inglês ocorre pelos falantes do PB. Nesse sentido, procurou-se descrever os sistemas acentuais do português e do inglês, bem como relacioná-los com alguma teoria da aquisição de L2, focalizando nas possíveis interações entre as estruturas das duas línguas aquando da aquisição do acento do inglês pelos falantes do português como L1.

Em princípio descreveu-se alguma teoria acerca do que viria a ser o acento considerando, sobretudo, o trabalho de Van der Hulst (2010). Em seguida, o acento foi perspectivado por alguns meios de análise da fonologia, tais quais a teoria da estrutura rítmica, teoria do acento métrico e da noção do peso silábico. Consoante esse meio de análise recorreu-se sobre os sistemas acentuais do português e do inglês.

Após tratar do acento e do seu respetivo sistema no português e no inglês, abordou-se a aquisição de uma L2, nomeadamente, seguiu-se a teoria dos princípios e parâmetros em Chomsky (1981) e Kato (2005), para além de ressaltar alguns aspectos da teoria do atrito linguístico, dentre eles, a relação entre o estímulo sonoro e o afastamento cada vez maior da língua de base.

Por fim, discutiu-se toda a teoria da dissertação tencionando identificar como as estruturas de ambas as línguas se relacionam durante a aprendizagem do acento do inglês, a título de exemplo, o possível papel do peso silábico na aquisição acentual.

**Palavras-chave:** sistema acentual, aquisição de L2, atrito linguístico.

## **Abstract**

This dissertation aims to discuss how the acquisition of the primary English accent occurs by BP speakers. In this sense, a description of the Portuguese and English accent systems occurred, as well as an attempt to relate them to some theory of L2 acquisition, focused on the possible interactions between the structures of the two languages during the acquisition of the English primary accent by speakers of Portuguese as L1.

Firstly, a description of some theory regarding the conceptualization of language accent did happen, mainly in accordance with Van der Hulst (2010). Then, some phonological theory cast light on the language accent, i.e., The Theory of Rhythmic structure, The Theory of Metric Accent and The Notion of Syllabic Weight. Taken into account those theories a discussion about the Portuguese and English systems was pursued.

Secondly, the L2 acquisition was addressed, namely followed by The Theory of Principles and Parameters in Chomsky (1981) and Kato (2005). Additionally, some theory about language attrition was studied, such as the connection of sound stimulus and the increasing gap between L1 and L2 in language acquisition.

Finally, the discussion of the theory as a whole was conducted aiming to identify in what way both languages structures connect with each other in English accent acquisition, for instance, the role of syllabic weight in English language accent acquisition hypothesis.

**Key-words:** Accentual language system, L2 Acquisition, Language Attrition.

## Índice de Figuras

FIGURA 1- A HIERARQUIA PROSÓDICA, DE ACORDO COM NESPOR E VOGEL (1986) .....	18
FIGURA 2 - DOIS FATORES QUE AFETAM O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO, DE ACORDO COM SMITH (2007).....	51
FIGURA 3- ESTRUTURA DA SÍLABA, DE ACORDO COM SELKIRK (1972) .....	53
FIGURA 4- ESCALA DE SONORIDADE, DE ACORDO COM FRAGOZO (2017) .....	54
FIGURA 5- PADRÃO DE CONSTRUÇÃO SILÁBICA, DE ACORDO COM BISOL (1990) .....	55
FIGURA 6- ESTRUTURA DOS TIPOS SILÁBICOS, DE ACORDO COM SELKIRK (1982) .....	57
FIGURA 7- PROPOSTA DE ESTRUTURA SILÁBICA, DE ACORDO COM SELKIRK (1982) .....	60
FIGURA 8- PROPOSTA DE ESTRUTURA SILÁBICA (APÊNDICES E VIOLAÇÕES), DE ACORDO COM SELKIRK (1982).....	61

## Índice de Quadros

QUADRO 1 – COMPARATIVO DE DUAS VERTENTES .....	38
QUADRO 2 – SÍLABA E ACENTO NO PB.....	59

## Lista de abreviaturas e siglas

L1 .....	LÍNGUA MATERNA
L2 .....	SEGUNDA LÍNGUA
PB .....	PORTUGUÊS DO BRASIL
W .....	ABREVIÇÃO DO INGLÊS PARA WEAK (FRACO)
S .....	ABREVIÇÃO DO INGLÊS PARA STRONG (FORTE)
V .....	VOGAL
C .....	CONSOANTE
SQ .....	SENSIBILIDADE QUANTITATIVA
FCP .....	FORMAÇÃO DOS CONSTITUINTES PROSÓDICOS
RF .....	REGRA FINAL
GU .....	GRAMÁTICA UNIVERSAL
PPS .....	PRINCÍPIO DA SONORIDADE SEQUENCIAL
PPE .....	PRINCÍPIO DA PRESERVAÇÃO DA ESTRUTURA
PMA .....	PRINCÍPIO DA MAXIMIZAÇÃO DO ATAQUE
PLP .....	PRINCÍPIO DO LICENCIAMENTO PROSÓDICO
PIP .....	PRINCÍPIO DA INTEGRIDADE PROSÓDICA

## Introdução

De entre as inúmeras discussões acerca dos meios mais efetivos de aprendizagem da pronúncia de uma Língua Segunda (L2), há consenso no que diz respeito a sua relevância para a aprendizagem de uma língua. Ela, a pronúncia, alberga vários componentes dignos de uma descrição pormenorizada, entre eles, salienta-se, o acento, o ritmo e a entoação

O estudo desses fatores levaria a compreensão da pronúncia de modo global, mas demandaria mais tempo do que um curso de mestrado comporta. Portanto, optou-se pela descrição do acento e o seu sistema tanto no português, quanto no inglês. Acresce que, levando em conta a estrita relação entre a aquisição de uma L2 e o acento, fez-se necessário discorrer sobre a relação da aquisição linguística com a proeminência sonora.

Em que pese o acento, parece ser indispensável o seu estudo por alguns motivos, dentre eles, a sua relação com o sentido das palavras. Nesse sentido, Fromkin (2003) asseve que uma sílaba tônica prevalece sobre as demais e a mudança na sua posição numa palavra pode mudar o seu significado. Por exemplo, “**subject**” (significa assunto), enquanto “**subject**” (significa sujeitar).

A alteridade da acentuação de uma sílaba para outra pode levar o interlocutor a interpretar a palavra com um ou outro sentido, noutras palavras, a pronúncia não adequada inviabiliza a comunicação do emissor. Essa é uma situação na qual o receptor pode ter a compreensão impedida.

Os variados tipos de impacto dos erros de pronúncia podem ser classificados, consorte Collins e Mees (2008, *tradução nossa*)<sup>1</sup> da seguinte feita: “os erros que bloqueiam a compreensão, os erros que provocam irritação e os erros que causam muito pouca ou quase nenhuma ofensa”. Portanto, há contextos nos quais apenas um

---

<sup>1</sup> The mistakes that block comprehension, the ones that provoke irritation and the ones that cause few or almost no offense.



disconforto (ou nas palavras do autor “irritação”) emerge, sem prejudicar a comunicação entre os participantes da interação.

Os erros mais discretos, segundo vários autores (Stander, 2007; Post, 2010; Fragozo, 2017) dar-se-iam com frequência durante a aprendizagem da pronúncia do inglês pelos falantes de PB. Para além disso, esses estudos asserem que os padrões de aquisição do acento do português e do inglês teriam estreita relação com a produção oral dos estudantes de inglês.

Neste ponto vem à tona o seguinte questionamento: De que forma a aquisição do acento primário do inglês ocorre pelos falantes do PB? Nesse sentido, foi delineado o seguinte objetivo geral para o presente trabalho: identificar de que maneira a aquisição do acento primário do inglês acontece pelos falantes do PB. Tendo em vista o alcance desse, foram estabelecidos os objetivos específicos que se seguem: descrever teorias pertinentes aos sistemas acentuais do português e do inglês; dispor acerca da aquisição de L2 e sua relação com o acento do inglês pelos falantes de PB.

Tais objetivos propiciariam a perspectiva acerca da língua per si, bem como da sua relação com a aprendizagem do acento primário do inglês. Desse modo, dar-se-ia a constituição de um arcabouço teórico adequado a análise do fenômeno compreendido pelo tema desta dissertação.

Por outro lado, a abordagem dos sistemas acentuais do português e do inglês e a sua relação com a aquisição do acento do inglês não são as únicas partes nas quais este trabalho está dividido. Existem ainda subdivisões em capítulos, seções e subseções, as quais albergam, no mais possível, temáticas correlacionadas aos objetivos delineados acima. Assim sendo, lograr-se-ia uma leitura mais eficiente, bem como uma busca facilitada de temas específicos dentro do trabalho.

Com esse intuito, esta dissertação apresenta três capítulos, um relativo ao acento, outro à aquisição do acento primário do inglês por falantes do PB, por fim uma discussão acerca da teoria descrita. No primeiro capítulo, à partida pretende-se descrever o que seria o acento, segundo alguns meios de análise da fonologia, tais quais a teoria da estrutura rítmica, teoria do acento métrico e da noção do peso silábico. Para

essa descrição seguiu-se os trabalhos de alguns autores, a título de exemplo, Van der Hulst (2010), Gussenhoven e Jacobs (2005), Nespor e Vogel (1986), Halle e Vergnaud (1987), Collinschonn (1999) e Ewen e Hulst (2001).

Ainda no primeiro capítulo, nomeadamente, nos subcapítulos pertinentes aos sistemas acentuais do português e do inglês, procurou-se descrever as regras de atribuição acentual em ambas as línguas, de modo a abordar as várias possibilidades de relação entre segmentos fonéticos, sílabas e a atribuição da proeminência do acento. Nessa abordagem versou-se sobre os trabalhos de alguns autores, tais quais Mateus e Andrade (2000), Lee (2006), Wetzels (2007), Bisol (1992), Mateus et al. (2003), Magalhães (2016), Veloso (2007), Cruttenden (1997) e Gussenhoven e Jacobs (2005).

O segundo capítulo versou-se sobre alguns aspetos da aquisição de uma L2, isto é, de que modo um sujeito processaria informação linguística tendo em vista a sua aquisição. Nesse sentido, adotou-se a teoria dos princípios e parâmetros e a sua relação com a aquisição de uma L2, a teoria do atrito linguístico e a relação entre a sílaba e a aquisição do acento como fundamentos analíticos. A descrição dessa teoria seguiu os estudos de Chomsky (1981), Hayes (1982), Selkirk (1982), Grosjean (1992), Kato (2005), Collinschonn (1999), Massini-Cagliari (1999), Köpke (2007), Paradis (2007), Smith (2007), entre outros.

O capítulo três, a seu turno, incide na discussão sobre a teoria explicitada nos capítulos um e dois, tencionando identificar os pontos de contato entre as várias perspetivas dos autores. Desse modo, foi possível elaborar algumas hipóteses acerca de como a aprendizagem do acento do inglês pelos falantes de português ocorreria, bem como afastar outras afirmações, as quais numa certa altura da discussão afiguravam-se como prováveis.

Por fim, conduziu-se algumas considerações finais tencionando sintetizar as principais conclusões da investigação e referir a pertinência de uma possível continuidade deste trabalho.

# 1. Acento

O acento em algumas línguas é fixo (recai numa sílaba em particular), por exemplo, o francês e o polaco; noutras é livre (não é previsível pela estrutura silábica da palavra), e.g. inglês e russo; bem como apresenta função demarcativa, isto é, a sua localização pode estabelecer o exacto limite entre palavras (Nováková, 2007:11; Ewen e Hulst, 2001:197). Acresce ainda o facto de os falantes de português como L1 apresentarem variados erros na pronúncia do inglês, nomeadamente, no que diz respeito ao acento. Assim sendo, parece ser *sine qua non* discutir o acento numa dissertação que versa sobre a sua relação com a aprendizagem da língua inglesa por falantes nativos de português, a começar pelos aspetos gerais.

## 1.1. Aspetos gerais

O acento pode ser perspectivado de diferentes formas, contudo há alguns fatores que parecem estar presentes, ao menos na maioria das definições. Nesse sentido, Van der Hulst (2010) salienta-os da seguinte forma:

Considerando a palavra *hippopotamus*. Quase todos os falantes de inglês pronunciam a sílaba medial dessa palavra com mais força do que as outras. Foneticamente, as forças articulatórias envolvem uma série de propriedades as quais as sílabas acentuadas apresentam em maior grau com relação as não-acentuadas. Por exemplo: a vogal de uma sílaba acentuada é articulada de modo mais preciso, ou seja, menos centralizada e mais longa (cf. Gussenhoven 2005:14-15). Noutras posições encontram-se também sílabas acentuadas com maior amplitude e maior pico de entoação. Nesse sentido, pode-se pensar o termo “intensidade” referindo-se a maior quantidade de energia dispendida, mas por vezes usada [intensidade] como um termo que alberga o efeito acumulativo da duração, amplitude e pico de entoação.

(Hulst, 2010:4, *trad. nossa*)

Consider the word *hippopotamus*. Almost every speaker of English will pronounce the medial syllable of this word with more force than all other syllables. Phonetically, articulatory force involves a number of properties which the accented syllable has to a greater degree relative to the unaccented syllables. For example, the vowel of an accented syllable is more precisely

articulated (less centralized) and/or longer (cf. Gussenhoven 2004:14-15). In many other places one also finds reference to accented syllables having higher amplitude levels and higher pitch. In this respect, one also finds the term “intensity” which refers to greater energy but is sometimes used as a cover term for the cumulative effect of duration, amplitude and pitch.

(Hulst 2010:4)

Partindo do exemplo da palavra *hippopotamus*, assere-se a existência de vários fatores relacionados com a formação do acento numa língua e o autor vai além ao afirmar que o conceito de intensidade na pronúncia de uma sílaba comporta a amplitude, duração e pico de entoação. Em direção análoga, outros estudiosos postulam o seguinte: “considera-se que a altura era o parâmetro fonético relevante[...]para a percepção do acento no inglês, entretanto experimentos conduzidos por Fry (1958) demonstraram que distintos parâmetros estariam envolvidos na criação do acento, especificamente duração, amplitude e qualidade vocálica” (Gussenhoven e Jacobs 2005:186, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Para além dessa convergência, num outro trabalho (Ewen e Hulst, 2001:196, tradução nossa)<sup>3</sup> citam a variedade de parâmetros relacionados e a dificuldade em estabelecê-los: “Os correlatos fonéticos do acento são notoriamente difíceis de estabelecer-se. Por enquanto, consideremos que a proeminência é lograda por várias propriedades fonéticas, e.g. a duração, amplitude e pico de entoação”. Aqui, os autores apresentam mais cautela no que tange às componentes do acento, nomeadamente, afirmam “a dificuldade de estabelecer os parâmetros”.

Por outro lado, a ideia de uma constante não está presente noutros aspetos, sobretudo ao se comparar uma língua com outra: “Embora haja regularidades gerais acerca do modo pelo qual o acento é realizado através das línguas, não há um rígida

---

<sup>2</sup> “While at first, loudness was taken to be the relevant phonetic parameter, experiments by Fry (1955;1958) showed that a number of different parameters were involved in creating the impression of stress in English, specifically duration, pitch variation and vowel quality”.

<sup>3</sup> “The exact phonetic correlates of stress are notoriously difficult to establish. For the moment let us simply assume that prominence is achieved by enhancing various phonetic properties, e.g. duration, amplitude and pitch”.

caracterização do seu funcionamento. O acento varia entre os tipos de língua, por exemplo, as línguas germânicas tendem a ser diferentes das línguas eslavas” (Hulst, 1999 *apud* Correia, 2009:9, tradução nossa)<sup>4</sup>. As distinções não findam por aqui e ocorrem em termos da quantidade de acento por palavra lexical: “Em algumas línguas, apenas um acento por palavra lexical é permitido, enquanto noutras, dois ou até mesmo três são possíveis. O acento secundário, contudo, é mais fraco do que o primário e o acento terciário é mais fraco do que o secundário e primário” (Goldsmith, 1989; Hayes, 1995; Kager, 1995 *apud* Correa 2009:9, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Além da possibilidade de mais de um acento num vocábulo, salienta-se o facto de que os padrões acentuais podem ser perspectivados por várias teorias, isto é, os fenómenos elencados acima podem ser vislumbrados de diferentes modos. Portanto, sem a ambição de exaustividade, mas ao levar em conta a pertinência de tais perspectivas, se discorrerá acerca delas.

#### **1.1.1. O acento na Teoria da Estrutura Rítmica**

O acento, segundo Correia (2009), “numa ampla parcela das línguas recai num constituinte prosódico específico, a *palavra prosódica* [grifo nosso]”<sup>6</sup>. Esta tratar-se-ia de um dos contituíntes da hierarquia prosódica a qual por sua vez pode ser assim descrita:

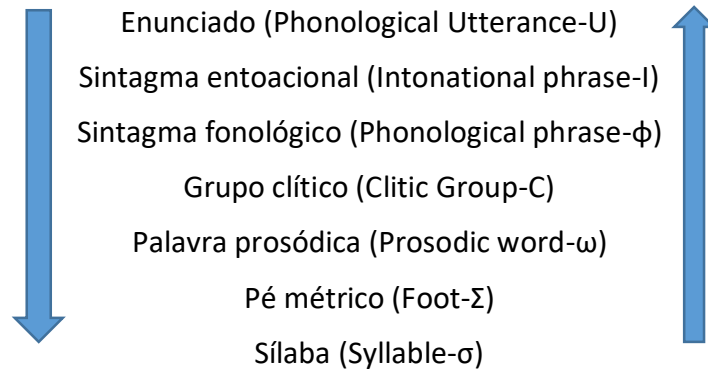
---

<sup>4</sup> “Although there are general regularities on how stress is realized cross-linguistically, there is not a strict characterization of its functioning. Stress varies from language type to language type (for instance, Germanic languages tend to be different from Slavic languages”.

<sup>5</sup> “In some languages, only one stress per lexical word is accepted, whereas in others, two or even three levels of stress are possible. Secondary stress, however, is weaker than primary stress, and terciary stress is weaker than secondary and primary stress”.

<sup>6</sup> “Specifically in a wide set of languages stress falls on specific prosodic constituents, such as the prosodic word”.

**Figura 1- A hierarquia prosódica**



Fonte: Nespor & Vogel (1986 *apud* Correia, 2009)

Tendo em vista o esquema anterior, sublinhe-se as seguintes palavras<sup>7</sup>: “Dentre os aspetos fonológicos de uma língua, a cadeia do discurso está organizada em categorias prosódicas” (Hayes, 1989; Nespor & Vogel, 1986; Selkirk, 1980 *apud* Correia, 2009:9). Nesse viés, o acento está albergado pela categoria denominada palavra prosódica ( $\omega$ ). Essa categoria, consoante Gussenhoven e Jacobs, apresenta a seguinte característica:

Essencialmente, a  $\omega$  não está em paridade de um para um com a palavra morfológica. Um exemplo disso é o facto de que em algumas línguas uma palavra composta representar apenas uma “palavra” no sentido morfológico, tais quais um nome, verbo ou adjetivo; noutras línguas, cada um dos constituintes da palavra composta formam um domínio fonológico. Por exemplo, no turco a *harmonização vocálica* [assimilação total ou parcial entre duas vogais não contíguas] ocorre no domínio da palavra composta [...]. No alemão, o princípio do *maximum onset principle* [princípio do ataque maximizado, segundo o qual se deve buscar na divisão silábica o ataque mais amplo possível] acontece dentro do escopo da palavra composta[...]. Enquanto no grego cada constituinte da palavra composta tem o seu próprio acento [...].

(Gussenhoven e Jacobs, 2005:226, tradução nossa)

---

<sup>7</sup> “As far as the phonological aspects of a language are concerned, the speech chain is organized into universal prosodic categories”.

Crucially, the  $\omega$  does not correspond in a one-to-one fashion to the morphological. For instance, while compounds represent 'words' in the sense of morphological categories like Noun, Verb, or Adjective, in many languages each of the constituent parts forms a phonological domain [...]. Thus, *vowel harmony* in Turkish is confined to the constituents of the compound [...]. In German, the MOP (Maximum Onset Principle) does not apply across internal boundary in a compound [...] while in Greek, each of the constituents has its own word stress [...].

(Gussenhoven e Jacobs, 2005:226)

Ao descrever os exemplos em línguas diversas, os autores recém mencionados sustentam a afirmação inicial da não paridade da palavra morfológica com a palavra prosódica. Dessa feita, ao se dizer que a palavra prosódica se dá no âmbito da palavra, faz-se necessário especificar qual o tipo de palavra, nomeadamente, nem sempre a palavra morfológica.

Tal assimetria não impede que a palavra prosódica venha a ser o domínio por excelência para a localização do acento, consoante as palavras de Correia (2009:10, tradução nossa)<sup>8</sup>: "A palavra prosódica é, nesse caso, o domínio fonológico para a marcação do acento". Entretanto, essa categoria prosódica não é a única a influir na atribuição acentual. Além dela, o pé métrico, pois consorte Correia (2009:10, tradução nossa)<sup>9</sup>: "Nós sabemos também que as sílabas estão organizadas de modo demasiado fixo (pé métrico), em detrimento da arbitrariedade, tendo em vista a criação de diferentes tipos de acento (primário, secundário e terciário) dentro de palavras ou sintagmas".

Os pés métricos a seu turno contam com tipos distintos, os quais variam de uma língua para outra, conforme assinala Correia (2009:10, tradução nossa)<sup>10</sup>: "Por exemplo,

---

<sup>8</sup> "The prosodic word is, in this case, the phonological domain for stress assignment".

<sup>9</sup> "We also know that syllables may be organized in a very fixed manner (into feet), rather than in an arbitrary fashion, in order to provide different types of stress (primary, secondary, tertiary) within words or phrases".

<sup>10</sup> "For instance, in English, a binary trochaic foot (i.e., a foot with two syllables, a strong one followed by a weak one) is preferred. Contrary to French, where words do not have to be preferably and minimally a

em inglês um pé trocaico binário (um pé com duas sílabas, uma forte seguida de uma fraca) prevalece. Entretanto, em francês as palavras não tem preferencialmente e minimamente um pé binário (monossílabos V e CV são frequentes), em inglês as palavras prosódicas são minimamente um pé binário e os pés são preferencialmente binários (CVC,CV.CV ou CV:).”.

Tais noções, particularmente da quantidade de sílabas que os compõem, acabam por estarem presentes numa das teorias que tenciona representar a dinâmica do acento nas palavras, conforme a seguir: *A teoria do acento métrico*.

### 1.1.2. O acento na Teoria do Acento Métrico

Discorrer acerca da Teoria do Acento Métrico implica perceber a sua natureza, bem como o seu modo de representação. Esse fator, no caso deste trabalho, assume papel de relevo, uma vez que a problemática abordada por ela é exatamente a representação do acento das palavras, particularmente do pé-métrico.

Tendo em vista esclarecer o problema da representação acentual, sublinha-se o seguinte esquema de Ewen e Van der Hulst (2001):

(1) (x .) (x .) (x .)      pés-métricos  
 $\sigma \sigma \sigma \sigma \sigma \sigma$   
 æ pə læ tʃi k<sup>eo</sup> lə      (Apalachicola)

Nas palavras dos autores, emerge a seguinte constatação a respeito da palavra da Língua Inglesa acima:

Como a estrutura (1) é gerada? A estrutura métrica de qualquer palavra é o resultado da configuração de certo número de *parâmetros*, os quais especificam as opções disponíveis numa língua no que diz respeito a uma certa propriedade. No que diz respeito a *Apalachicola*, a qual

---

binary foot (V and CV monosyllables are frequent), in English prosodic words are minimally a binary foot and feet are preferably binary (CVC, CV.CV or CV:).”.



possui acento primário inicial e um padrão rítmico alternado à direita, ocorrem dois parâmetros que determinam a estrutura do pé-métrico: (a) encabeçamento à esquerda (a sílaba mais à esquerda do pé-métrico é acentuada), (b) atribuído da direita para a esquerda.

(Ewen e Hulst, 2001:219, tradução nossa)

How do we generate the structure in (1)? The metrical structure assigned to any word is the result of the setting of a number of parameters, which specify the choices available to a language with respect to some property. With respect to *Apalachicola*, which has initial primary accent and a rightward alternating rhythmic pattern, the two parameters in (1) determine the foot structure: (i) left-headed (i.e. the leftmost syllable of the foot is accented, (ii) assigned from right to left.

(Ewen e Hulst 2001:219)

As disposições enumeradas acima, a partida colocam em causa o entendimento dos seus termos, uma vez que, nomenclaturas tais quais “encabeçamento” dão margem para várias interpretações. Portanto, parece ser indispensável algumas explicações, tais quais as encontradas em Collischonn (1999):

A construção da grade métrica é feita por algoritmo. Este algoritmo possui alguns parâmetros: a direção, o tamanho dos constituintes e a posição do cabeça. A direção da construção pode ser da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Os constituintes podem ser binários, ternários ou ilimitados (neste caso, toda a sequência forma um só constituinte). A posição do cabeça nos constituintes pode ser à direita ou à esquerda. Essa posição é independente da direção de construção de constituintes.

(Collischonn 1999:126)

Tomando por base a elucidação da autora e ao tencionar uma noção mais concreta do que viriam a ser esses parâmetros cumpre considerar o exemplo abaixo:

(2) (       \*    ) linha 2

( \*    .    \*    . ) linha 1

( \*    \* ) ( \*    \* ) linha 0

bor bo   le ta

(Collinschon, 1999:126)

Além disso, há regras pelas quais tal estrutura apresenta a configuração acima, isto é, uma série de configurações em conformidade com os parâmetros da Língua Portuguesa<sup>11</sup>, as quais no caso (2) são assim explicadas:

A grade métrica apresentada pode ser entendida como uma sequência de espaços, um para cada sílaba. Na linha 0 indica-se cada espaço por meio de um asterisco, formando-se os constituintes. Na linha 1 apenas os cabeças de constituinte (ou seja, os elementos mais fortes) recebem um asterisco no espaço correspondente. E na linha 2, apenas o cabeça de toda a sequência recebe um asterisco. Neste exemplo, as sílabas *bor* e *bo* formam um constituinte, assim como *le* e *ta*. Os cabeças destes constituintes são, respectivamente, *bor* e *le*. Na linha 1 forma-se um constituinte, a partir dos cabeças (*bor* e *le*) projetados a partir da linha 0, que tem, por sua vez, o seu cabeça projetado na linha 2.

(Collinschon 1999:126)

Entretanto, é preciso fazer uma consideração acerca dessa representação, pois ao se analisar uma palavra é possível encontrar um *constituente degenerado*, o qual consiste num constituinte somente, mas que tem um cabeça também (Halle e Vergnaud 1987 *apud* Collinschon 1999:126). Para ilustrar observe-se:

(3)    \*       .    \*       .

      \* ( \*    \* ) ( \*    \* )

      in de pen den te

A sílaba *-in*, ao levar em conta a direção da construção da direita para a esquerda, vem a ser considerada como constituinte degenerado, uma vez que não pode

---

<sup>11</sup> A alusão acerca das configurações do acento com relação ao parâmetro de uma certa língua é encontrado na página 19 deste trabalho.

estar incluso num componente binário e contém uma cabeça. Essa condição é abordada do seguinte modo por Gussenhoven e Jacobs (2005:194, tradução nossa)<sup>12</sup>: “[...] a terceira sílaba numa palavra com um número par de sílabas não pode ser agrupada com outra sílaba num pé-métrico. Portanto, pés-monossílabicos são criados”. A percepção acerca dos pés-monossílabicos, os quais por Halle e Vergnaud (1987) são denominados *pés degenerados*, contou seis anos antes com a seguinte consideração de Hayes (1981, tradução nossa)<sup>13</sup>: “Um pé monossilábico não chamado nem de W [abreviação para o inglês *weak*-fraco] nem S[abreviação para o inglês de *strong*-forte], mas simplesmente interpretado como um pé acentuado”.

As três definições complementam-se e robustecem a noção do pés degenerados. Posto isto, o que outrora parecia ser apenas uma exceção a regra dos pés-binários acaba por levar a consideração do que viriam a ser as componentes fortes e fracas da representação acentual métrica. Essas definições assumem um papel noutro conceito de pertinência ao tema deste trabalho: *a extrametricidade*.

Consistindo numa componente fonológica (sílaba, segmento, consoante, vogal, rima, mora, etc...) ser feita invisível para as regras de construção de uma árvore métrica. O fenómeno dar-se-ia tão somente nas bordas direita ou esquerda das palavras (Collinschön, 1999; Gussenhoven e Jacobs, 2005 & Ewen e Van Hulst, 2001). Por exemplo:

(4) a.	(x .)	b. (x)	c. (x) (x)
	σ σ σ	σ σ	σ σ
	ə stə nɪ <ʃ>	kə ləp <s>	meɪ n teɪ <n>

Os exemplos; (a) *astonish*, (b) *collapse*, (c) *maintain*; retirados de (Ewen e Van der Hulst 2001:236) contam com um segmento, nomeadamente as consoantes finais (na borda direita) que são ignoradas. Entretanto, tendo em vista corroborar o afirmado anteriormente, a extrametricidade pode dar-se com outros constituintes, entre eles, as

<sup>12</sup> “[...] the third syllable in words with an odd number of syllables cannot be grouped with another syllable in a foot, and as a result, monosyllabic feet are constructed.”

<sup>13</sup> “A monosyllabic foot is labelled neither W nor S, but simply interpreted as a stressed foot”.

configurações para gerar o acento em sílabas das palavras do inglês *algebra* (a), *agenda* (b) e *arena* (c):

(5) a. (x .)	b. (x)	c. (x)
$\sigma \ \sigma <\sigma>$	$\sigma \ \sigma <\sigma>$	$\sigma \ \sigma <\sigma>$
æ l dʒə brə	ə dʒen də	ə ri: nə
		(Ewen e Hulst, 2001:236)

Nas palavras dos autores (Ewen e Van der Hulst 2001:236, tradução nossa)<sup>14</sup>, “A sílaba final nas frases[5] são extramétricas, isto é, são ignoradas para que haja a apropriada configuração do parâmetro da extrametricidade. Dessa feita, há aplicação da extrametricidade aos padrões acentuais, oferecendo um meio de colocar o acento a três sílabas da borda [...]”.

A sílaba ignorada (extramétrica), consoante (Collinschön 1999; Gussenhoven e Jacobs 2005 & Ewen e Van der Hulst 2001), está presente em algumas línguas. Nesse sentido, perceber a sua presença na Língua Inglesa e na Língua Portuguesa, bem como tudo o já discutido até então, será útil na análise da pronúncia de estudantes de inglês como L2. Acresce a isso, outro fator relevante o qual atua combinado com o sistema de acento anterior para o qual algumas línguas são sensíveis ou não, trata-se do *peso silábico*.

### 1.1.3. A noção de peso silábico

Esse parâmetro apresenta intrínseca relação com a estrutura silábica, pelo que segundo (Gussenhoven e Jacobs, 2005 & Ewen e Hulst, 2001), muitas línguas fazem a distinção entre sílabas por meio da quantidade (propriedade das sílabas determinada pela quantidade de segmentos na rima). Desse modo, a rima assume papel de relevo no que concerne a atribuição do peso silábico.

---

<sup>14</sup> “The final syllable in the examples in [5], then, is extrametrical, and is ignored by virtue of the appropriate setting of the *extrametricality* parameter. Extrametricality, then, applied to word accentual patterns, offers a means of placing an accent three syllables away from the edge [...]”.

A rima silábica acaba por ser a responsável pela distinção entre as línguas no que diz respeito ao tipo de peso que uma sílaba vai conter, especificamente se o núcleo vai assumir algum papel na distinção entre as sílabas leves e pesadas, conforme o seguinte:

- (a) Nas línguas de tipo peso silábico na rima, o núcleo não participa na distinção entre sílabas leve e pesadas: caso a rima num todo contenha mais de um elemento, a sílaba é pesada.
- (b) Nas línguas de tipo peso silábico no núcleo, a estrutura do nó do núcleo determina o peso silábico: núcleos complexos são pesados; núcleos não complexos são leves.

(Ewen e Hulst 2001:134, tradução nossa)

- a. In rhyme-weight languages the nucleus plays no role in the distinction between heavy and light syllables: if the rhyme as a whole contains more than one element the syllable is heavy. (b) In nucleus-weight languages the structure of the nucleus node determines syllabic weight: branching nuclei are heavy; non-branching nuclei are light.

(Ewen e Hulst 2001:134)

Verifique-se que os dois tipos de língua acima (quanto ao parâmetro do peso silábico), possuem âmbitos distintos, um define o peso silábico baseado nas informações da rima, a outra apenas do núcleo, noutras palavras, a tipologia de língua com peso silábico na rima acaba por conter maior abrangência do que o outro tipo, pois alberga também o núcleo, enquanto as línguas com peso silábico no núcleo, tal como o nome indica, operam apenas no núcleo.

Para além desses tipos, há um terceiro, o qual é assim descrito por (Ewen e Hulst 2001:134, tradução nossa)<sup>15</sup>: “[...]são consideradas as mais comuns, porém há outro padrão, nomeadamente o qual pode ser representado pela língua holandesa. Nele, o peso silábico depende do facto de uma sílaba ser fechada, i.e, na presença de um final de sílaba com consoante, indiferentemente se a vogal anterior é longa ou curta”. A título de exemplo, seguem-se as palavras:

---

<sup>15</sup> “[...] these are the most common types, other possibilities are found. For example, a language like Dutch appears to represent a third type, in which weight depends solely on whether or not a syllable is closed, i.e. on the presence of a syllable-final consonant, irrespective of whether the vowel is long or short”.

(6) a. kolibri	[ <b>ko:</b> ]σ[li:]σ[bri:]σ	“colibri”
pagina	[ <b>pa:</b> ]σ[ɣi:]σ[na:]σ	“página”
b. agenda	[a:]σ[ <b>ɣɛn</b> ]σ[da:]σ	“diário”
proportie	[pro:]σ[ <b>por</b> ]σ[si:]σ	“proporção”

(Ewen e Van der Hulst, 2001:135)

Conforme o visto, nos exemplos (6a) não ocorrem sílabas fechadas. Nos dois casos, a sílaba pesada é a primeira, nomeadamente, sílabas que contenham uma vogal longa no núcleo. Por outro lado, em (6b) o peso silábico não recai em nenhuma das sílabas com vogal longa no núcleo, mas na que contem a combinação VC na rima. Assim sendo, infere-se que o núcleo, ao menos no caso do holandês, não assume preponderância no que diz respeito ao peso silábico. Se fosse assim, uma das sílabas em (6b) com vogal longa assumiria. Essa constatação acaba por se plasmar nas palavras de (Ewen e Hulst 2001:135, tradução nossa)<sup>16</sup>: “Devemos referir-nos a esse terceiro tipo como *línguas com peso silábico na coda*, nas quais o facto de o núcleo ser complexo é irrelevante para a distinção entre as sílabas leves e pesadas [...]”.

A irrelevância do núcleo da sílaba ser complexa para a atribuição do peso silábico; bem como a designação dos outros dois tipos de língua quanto a esse parâmetro, a saber, línguas com peso silábico na rima e línguas com peso silábico no núcleo; levam ao seguinte questionamento: Qual é a relação do peso silábico com a atribuição do acento no português?

Para responder a essa pergunta e objetivando o alcance dos objetivos de investigação, faz-se necessária a descrição dos dois sistemas acentuais na sequência.

---

<sup>16</sup> “We might refer to this third type as coda languages, in which the branching of the nucleus is apparently irrelevant, so that the distinction between light and heavy syllables [...]”.

## **1.2. O acento na língua portuguesa**

Discorrer acerca do sistema acentual do português enseja referir a sua história, ou melhor, ao percurso histórico das línguas românicas, nomeadamente, o português, o espanhol e o italiano. Essa constatação se plasma assim em Correia (2009:17, tradução nossa)<sup>17</sup>: “Em línguas tais quais o português, espanhol ou italiano derivadas de uma língua de acento de peso silábico (o latim), na qual o acento era totalmente baseado no peso silábico, o acento da palavra coloca muitos problemas desde uma perspectiva sincrónica”. Assim sendo, conhecer o sistema acentual do latim e o papel do peso silábico nele atribuído, esclareceria os motivos de algumas regras de acentuação do português, as quais por vezes, levam a inquietações.

Tencionando clarificar a constatação acima tomará lugar uma breve discussão a respeito da herança do latim. De sorte que, será abordada também a transição, ocorrida do latim clássico para o vulgar e da noção de quantidade para intensidade na marcação da sílaba tónica.

### **1.2.1. A herança latina no acento do português**

No sentido de esclarecer este sistema acentual, tal como perceber a necessidade de conhecer a herança latina do acento na Língua Portuguesa, frisam-se as palavras do notável humanista português do século XVI, escritor da primeira gramática da Língua Portuguesa em 1536, Fernão de Oliveira: “tornemos sobre nós, agora que é tempo e somos senhores, porque melhor é que ensinemos a Guiné ca que sejamos ensinados de Roma, ainda que ela- a língua latina- agora tevera toda sua valia e preço”<sup>18</sup>. Nota-se um cariz emancipador na afirmação de Oliveira em relação à língua latina, entretanto, essa

---

<sup>17</sup> “In languages like Portuguese, Spanish or Italian, deriving from a weight-sensitive language (Latin), where stress was fully predictable on the basis of syllable weight, word stress poses several problems from a synchronic perspective”.

<sup>18</sup> Fernão de Oliveira, *Gramática da Linguagem Portuguesa* (Edição Fac-símile), Lisboa, Gulbenkian, 2012.

consideração necessita ser ponderada em que pese o não reconhecimento das próprias leis que suportem a sua (L1) (Franco e Silvestre 2012:16).

O latim na perspectiva de Oliveira era simultaneamente uma língua a ser superada e preservada, porque ao a deixar completamente de lado se corre o risco de não se perceber na sua inteireza alguns fenómenos da Língua Portuguesa, dentre eles, o acento, o qual consistia na língua latina em: “[...] incidência de acento na penúltima sílaba pesada, caso haja uma; do contrário incidência na antepenúltima sílaba, caso haja; ou ainda o acento recair na última sílaba”<sup>19</sup> (Roca, 1999 *apud* Correia, 2009, tradução nossa).

Tal assertiva, entretanto, não explica plenamente o sistema acentual do latim, pelo que existiram a versão clássica e vulgar. Na passagem de uma para outra, vieram à tona mudanças no âmbito acentual, conforme Bagno (2007):

No *Latim Clássico* [grifo do autor], a posição do acento tônico dependia da quantidade de sílabas: não existiam palavras oxítonas; os dissílabos eram paroxítonos; os polissílabos tinham acento na penúltima sílaba se ela fosse longa (**a**mātur) e na antepenúltima sílaba, se fosse breve (**le**gimus). No *Latim Vulgar* (grifo do autor), perdeu-se a noção de quantidade, substituída pelo acento de intensidade [grifo do autor]. As vogais que eram longas e breves passaram a ser átonas e tônicas.

(Bagno 2007: 6)

A alteração para o acento de intensidade manteve-se até ao que vemos na atualidade na nossa língua vernácula. Para além dessa estabilidade, o sistema, na passagem do latim clássico para o vulgar, teve o deslocamento da posição do acento:

1. Nas palavras proparoxítonas cuja última sílaba tinha um encontro consonantal formado de uma oclusiva + /r/, o acento tônico sofria diástole (isto é, deslocamento do acento tônico para a sílaba posterior: *cátedram*>*cathédra*>*cadeira*; *ténebras*>*tenébras*>*trevas*).

---

<sup>19</sup> “[...] the general rule(s) for stress in Classical Latin is/are: (a) stress a heavy penultimate syllable, if there is one; (b) otherwise stress the antepenultimate, if there is one; (c) otherwise stress the first syllable”.



2. Ocorria diástole sempre que havia um hiato com /i/ tônico: *paríetem>pariétém>parede*; *mulíerem>muliére>mulher*. (*idem*:7)

Pelos exemplos acima, nota-se que uso da língua vulgar (variante do latim usada pelas camadas populares) fomentou a elaboração de várias regras até mesmo dentro de uma mesma classe gramatical, no caso em tela, os nomes. Desta forma, o português alberga regras de acentuação que foram introduzidas à altura na qual o latim era uma língua viva.

Tendo em vista tomar conhecimento das regras de acentuação do português que ainda mantém o padrão latino e, sobretudo, descrever as regras de acentuação da língua portuguesa globalmente, iniciar-se-á, a seguir, a descrição das regras de acentuação da classe dos nomes.

### 1.2.2. O sistema acentual dos nomes

O sistema acentual dos nomes da Língua Portuguesa dispõe sobre as relações entre as componentes fonológicas e morfológicas. No que diz respeito a essas relações, existe consenso entre vários autores sobre elas implicarem a diferença entre o sistema acentual dos nomes e dos verbos (Lee, 2006; Mateus e Andrade, 2000; Wetzels, 2007). Embora, noutros aspetos os estudiosos tenham posicionamentos divergentes.

Tirando partido dessa constatação, sublinhe-se que a regra de acentuação dos nomes não compreende apenas os nomes propriamente ditos, mas adjetivos e advérbios, a título de exemplo Mateus e Andrade (2000:109, tradução nossa)<sup>20</sup> advogam que: “setenta por cento dos nomes, adjetivos e advérbios terminados em vogal oral recebem acento na penúltima sílaba”:

(7) modelo    [mudelu] (nome)  
beldade    [betadi] (nome)

---

<sup>20</sup> “For the majority (over 70 per cent) of nouns, adjectives and adverbs ending in an oral vowel, stress falls on the syllable before the last as in (1)”.

correto [kuretu] (adjetivo)

Essa estatística enquadra uma parcela significativa dos casos de acentuação dos nomes, entretanto, existem outros estudos nos quais não apenas outros casos são abordados, como há uma descrição mais pormenorizada do sistemas, dentre eles o da teoria métrica e da noção de peso silábico (Bisol, 1992; Wetzels, 2007). A primeira considera aspetos como: os constituintes prosódicos, o pé métrico e a posição do elemento dominante. Por sua vez, Wetzels (2007) alberga, sobretudo, uma discussão acerca da controvérsia da relevância ou não do peso silábico na atribuição do acento.

No que concerne à teoria métrica, Bisol (1992) assere que o acento não incide diretamente na vogal, mas depende da relação entre sílabas, a qual, por sua vez, estabelece a proeminência numa parte da palavra. Evidentemente, pode-se atribuir esse processo ao acento dos nomes, adjetivos e itens de estrutura lexical semelhante.

Para além disso, essa teoria obtém êxito no sentido de explicar as exceções da regra estabelecida em Mateus e Andrade (2000), devido ao facto de as noções contidas em Bisol (1992, 1999); nomeadamente de *pé métrico* [a combinação de duas ou mais sílabas, em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma delas é a cabeça], *sensibilidade quantitativa* (SQ) [consiste na atribuição de um asterisco à sílaba final de rima ramificada, portadora de acento por inerência], *formação dos constituintes prosódicos* (FCP) [cujo papel é estabelecer uma relação de forte e fraco entre duas sílabas (daí ser binária), na qual a sílaba forte é representada pelo asterisco] e *regra final* (RF) [a qual consiste na projeção do acento principal da palavra criado pelas duas regras anteriores]; avultarem regularidades dentro dos trinta por cento dos nomes, adjetivos e advérbios terminados em vogal que não recebem acento na penúltima sílaba.

Ora, o mero conhecimento das siglas das noções acima não possibilita uma efetiva perceção em torno de como *níveis prosódicos* (distintas camadas que dão o ritmo da frase), objeto principal da fonologia métrica, interagem para resultar uma posição acentual; particularmente, no âmbito dos nomes, adjetivos e advérbios. Em Bisol (1992),

esse ramo da fonologia serve de base para as suas análises acerca do acento no português.

A descrição dessa interação amplia as informações contidas em Mateus e Andrade (2000). Um alargamento de perspectiva, o qual pode ser exemplificado por Bisol (*id.*) acerca dos nomes, com as palavras cola/colar, pelo que, a partida, considerar-se-ia uma oposição. A rima silábica com coda em *-lar* atrairia o acento devido ao peso silábico, enquanto a sílaba *-la*, geralmente é classificada como leve, uma vez que é constituída somente pelo núcleo. Tendo em vista maior explicitação, a autora faz o uso do seguinte esquema derivacional:

(8)	/kaz+a/	/pared+e/	<b>léxico</b>
	ka za	pa re de	<b>silabação</b>
	(* .)	(* .)	<b>FCP</b>
	(* )	( * )	<b>RF</b>
	[káza]	[paréde]	<b>saída</b>

(Bisol, 1992)

Para entender o que ocorre no caso de *cola/colar*, faz-se útil o que a autora (*id.*), elucida sobre o par *casa/parede* (acima), visto que os termos sublinhados possuem significado indispensável para a compreensão do fenômeno pelo viés da teoria métrica. Desse modo, primeiramente dá-se a *silabação*, na qual como o próprio termo alude, o vocábulo é dividido em sílabas, num segundo momento, acontece o *FCP* (formação do constituinte prosódico) e, por fim a *RF* (resultado final).

Tirando partido da terminologia e do exemplo supracitado, avança-se para o vislumbre do que aconteceu no par *cola/colar*, consoante as palavras de Bisol (1992):

Admitimos, pois, que a sílaba de rima com coda, (colar, por exemplo) opõe-se a sílaba constituída apenas pelo núcleo (cola), comumente denominada leve, em virtude de atrair o acento por seu peso silábico...Formação de Constituintes Prosódicos (FCP), ao estabelecer uma relação de forte/fraco entre duas sílabas, por adjunção de uma sílaba leve à sílaba precedente, cria o constituinte binário mais à direita da palavra. As duas regras são não-iterativas, têm o

mesmo governo, i.e, aplicam-se junto à borda direita da palavra, mas não competem pelo mesmo contexto, uma vez que FCP cria um constituinte binário anexando uma sílaba leve à precedente e a SQ (sensibilidade quantitativa, neste caso, a rima com núcleo e coda) parentiza a sílaba pesada final. Quando essa encontra contexto adequado, aquela não tem vez. O asterisco criado pelas duas regras é projetado como acento principal da palavra.

(Bisol, 1992)

Relativo ao trecho acima, nota-se que a atribuição do acento se dá num processo dividido em quatro etapas, a saber; silabação, FCP, RF e saída. Portanto, pelo viés da Fonologia Métrica expressa em Bisol (*id.*), existe dinamicidade no que diz respeito à representação do fenómeno. Nesse sentido, contrasta com o extrato analisado em Mateus e Andrade (2000), pelo que nesse, há uma descrição das regras da acentuação da Língua Portuguesa sem o cariz generativo das mesmas.

Ora, apesar de apresentar um texto mais pormenorizado, a teoria de Bisol (*id.*) não vai de encontro ao que (Mateus e Andrade, 2000; Lee, 2006; Wetzels, 2007; Magalhães, 2016) afirmam serem os casos de acentuação, por exemplo: nomes adjetivos terminados em vogal oral recebem acento na penúltima sílaba, nomes e adjetivos terminados em consoante são geralmente acentuados na última sílaba, os verbos são acentuados, via de regra, na penúltima sílaba.

Todos os autores seguem a mesma direção, entretanto se optou pela continuidade da descrição das regras por meio de Mateus e Andrade (2000, tradução nossa), pela sua objetividade. Portanto, discutir-se-á a regra seguinte<sup>21</sup>: “[...] *nomes e adjetivos terminados em consoante*[grifo nosso], os quais em geral recebem o acento na última sílaba”, tais como:

(9) Hospital	[ɔ̃pitaɫ] (nome)
Papel	[pepɐɫ] (nome)
Feliz	[fɛliʃ] (adjetivo)

Mateus e Andrade (2000:109)

---

<sup>21</sup> “[...]nouns and adjectives ending in a consonant are generally stressed on the last syllable.”

Esses exemplos sublinham nomes e adjetivos terminadas por consoante e, nessa medida, suscitam a dúvida de qual seria o *caso dos ditongos*, visto que compõem final de palavra e, simultaneamente podem trazer uma semi-vogal (a qual contém propriedades semelhantes a uma consoante). Para tal, Mateus e Andrade (2000:109, tradução nossa)<sup>22</sup> assumem que “as palavras ditongas apresentam acento normal, isto é, na segunda vogal fonológica, posto que a *glide* (semi-vogal) é a realização do marcador de classe. E, como é sabido, o marcador de classe é uma vogal, mas na superfície é um glide”. Daí, realce-se os exemplos abaixo:

(10)Carapau	[kerepaw]	(nome)
Fariseu	[ferizew]	(nome)
Pigmeu	[pigmew]	(nome)

Mateus e Andrade (2000)

Além da idiossincrasia da glide no caso dos ditongos, as palavras terminadas em vogal nasal contêm uma dinâmica relevante para explicitação, visto que consoante Mateus e Andrade (idem, tradução nossa), “A maioria das palavras findas em vogal nasal [...] comportam-se exatamente [como no caso dos nomes e adjetivos terminados em consoante], porque a vogal fonética nasal é uma sequência de vogal oral mais um autosegmento nasal”, sublinha-se a título de exemplo o seguinte:

(11)Jardim	[ʒerdĩ]	(nome)
Atum	[etũ]	(nome)
Comum	[kumũ]	(adjetivo)

Mateus e Andrade (2000)

A nasalidade de vogal oral no final de vocábulo atestada, assemelha-se bastante, a superfície, com o *ditongo nasal em fim de palavra*, contudo, segundo Mateus e

---

<sup>22</sup> “[...]present normal stress on the penultimate, as the phonetic glide is the realization of the class marker. As we know, the class marker is a vowel but it may surface as a glide.”

Andrade (*idem*)<sup>23</sup>afasta-se dele no sentido de “receber o acento na segunda vogal fonológica, tal qual o caso das palavras terminadas em ditongo, nos casos onde a glide foi inserida”, vide o que segue:

(12)Natação	[netasẽw]	(nome)
Tufão	[tufẽw]	(nome)
Desdém	[dizdẽj]	(nome)

O contraste entre as duas regras acima aludem ao cariz eminentemente complexo da acentuação nominal, pois não somente são similares no que diz respeito ao ponto da palavra portadora do acento, quanto se distinguem, quase por completo, em termos de segmentos formadores da última sílaba, nalguns casos, isto é, ditongo nasal (cf. 12) e sílaba finalizada por consoante (cf. 9).

A trama do fenómeno é mais ampla do que o descrito até aqui, entretanto, os demais exemplos remetem à regra primeira (cf. 7). Além disso, outras configurações vão ao encontro do que nos foi dito ao tratar da janela das três sílabas, ou seja, o acento não pode incidir noutra sílaba que não as três primeiras. Daí, tratar-se-ia de redundância elencá-las e tiraria espaço para outras considerações mais relevantes, a título de exemplo, a acentuação dos verbos.

### 1.2.3. O sistema acentual dos verbos

Relativamente à dinâmica acentual do verbos, saliente-se a pertinência do papel da vogal temática, pelo que dentro da composição das conjugações verbais apresenta várias configurações as quais têm relação com a atribuição do acento (Correia 2009; Magalhães 2016; Mateus *et al.* 2003).

---

<sup>23</sup> “For words having a nasal diphtong in final position, normally they are stressed like those of (5), on the second phonological vowel, in cases where the glide has been inserted.”

Várias disposições do acento dão informação sobre qual o tempo verbal, porque consoante Magalhães (2016:109, tradução nossa)<sup>24</sup> “[...]três conjugações verbais, de modo geral, podem ser identificadas por meio das suas vogais temáticas”. Observação essa que conta com a anuência de Wetzels (2006 *apud* Magalhães 2016:109, tradução nossa)<sup>25</sup> “[...] o acento verbal no Português fomenta as distinções entre os tempos verbais: presente, passado e futuro”.

Todavia, destaque-se que a primeira afirmação não traz à tona a informação de que há outras componentes envolvidas na indicação do tempo verbal, enquanto na segunda o autor faz uso do termo *enhaces*, o qual traduzido para o português, deixa para entender a presença de outros fatores nessa formação. Apesar de haver outros componentes envolvidos na formação do tempo verbal, levando em conta as palavras de Magalhaes (2016), Correia (2009) e Mateus *et al.* (2003), segundo as quais as vogais temáticas dos verbos são um dos fatores envolvidos na acentuação dos tempos verbais; discorrer-se-á acerca dessa convergência.

Nesse sentido, Magalhães (2016:109, tradução nossa)<sup>26</sup> assere: “as formas do passado, as quais albergam o passado perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e o passado imperfeito do subjuntivo, recebem o acento na vogal temática[...]”. Desta feita, nota-se uma componente responsável não somente pela diferenciação entre os tempos passado, presente e futuro; mas dos diferentes tipos de passado também.

Tirando partido desse papel, toma-se a vogal temática como componente à qual se dará relevo aquando das exemplificações dos casos de acento nos verbos, isto é, o negrito marcará essa característica daqui por diante. Para além disso, dividir-se-á graficamente a raiz e o tema com o intuito de que a percepção acerca dos afixos verbais seja clara, bem como relacionar de modo imediato o acento ao afixo correspondente.

---

<sup>24</sup> “Generalizing over the three existing verb conjugations identified on the basis of their theme vowel (TV)[...]”

<sup>25</sup> “[...]verb stress in Portuguese enhances the existing tense distinctions distinguished in the Portuguese verb: present, past, and future.”

<sup>26</sup> “The past tense forms, which include the perfect past, imperfect past, pluperfect past, and the imperfect past of the subjunctive mood, receive stress on the theme vowel[...].”

Essa organização, para além de possuir cariz didático, demonstra que a regra do acento, no caso do passado, segundo (Magalhães, 2016; Mateus e Andrade, 2000) é generalizada (aplica-se a quase todos os modos e conjugações). Conforme o exemplo:

(13)Fal]raiza]temava (Indicativo Imperfeito-1ª conjugação)

Bat]raizi]temaa (Indicativo Imperfeito-2ª conjugação)

Part]raizi]temaa (Indicativo Imperfeito-3ª conjugação)

Magalhães (2016:110)

Além dos casos da terceira pessoa do singular, as outras pessoas e modos (indicativo imperfeito, indicativo mais-que-perfeito e subjuntivo perfeito) apresentam igual posição acentual. Portanto, a opção pela não exposição de outros exemplares noutras palavras pelo que a vogal temática ocorre como o ponto proeminente na pronúncia de todos esses casos.

Ao seu turno, no caso do presente do indicativo, os verbos do Português continuam a ter incidência de acento na penúltima sílaba. Tal constante é destacada por Mateus e Andrade (2000:113, *tradução nossa*) de que<sup>27</sup> “Em 75% dos casos, a penúltima sílaba é acentuada, isto é, a segunda à contar da borda direita da palavra”. Nesse sentido, considera-se os exemplos:

(14)falo [falu] (Presente do Indicativo)

falas [fale] (Presente do Indicativo)

falamos [felem] (Presente do Indicativo)

Mateus e Andrade (2000:113)

O padrão na penúltima sílaba (cf.7), descrito por (Magalhães, 2016; Mateus e Andrade, 2000) está presente nas outras conjugações, pessoas e modos do Presente,

---

<sup>27</sup> “(in 75 per cent of the cases) stressed on the syllable preceding the final one, that is the second from the right edge of the word.”



inclusivamente, no Presente do Conjuntivo. Outra vez, a vogal temática aparece como fulcral na composição acentual.

Por outro lado, o extrato de (Mateus e Andrade, 2000:115) demonstra no que diz respeito ao futuro, a configuração ser distinta, visto que a última sílaba passa a ser o alvo. Nesse sentido, ressalta ainda algumas peculiaridades com relação a 3ª pessoa do singular e do plural, pois só há uma vogal na última sílaba, como pode ser vislumbrado:

(15)	falarei	[felerej]	(Futuro do Indicativo)
	falará	[felere]	(Futuro do Indicativo)
	falarão	[felerew]	(Futuro do Indicativo)
	falaremos	[feleremu]	(Futuro do Indicativo)

Mateus e Andrade (2000:115)

Outra característica notada nesses casos é facto de o acento estar posto no afixo que indica futuro, sustentada por Wetzels (2006:41 *apud* Magalhães 2016:110, tradução nossa)<sup>28</sup>, “as formas de futuro são acentuadas na sílabas que contém o sufixo de futuro (ou de condicional)”.

O afixo sufixo continua a assumir um papel de relevo no caso do Condicional, uma vez que, pese o facto de não ser exatamente um tempo futuro traz muito das suas características. Portanto, consorte Mateus e Andrade (2000:115), admite o mesmo papel do sufixo outrora mencionado:

(16)	falaria	[felerie]
	falaríamos	[feleriemu]
	falariam	[feleriẽw]

Aqui sobressai, a partida, a 1ª pessoa do plural, porque diferentemente de todos os outros tempos e modos verbais discutidos até então acaba por receber o acento na antepenúltima sílaba. Essa condição condição robustece a afirmação de Wetzels (2006),

---

<sup>28</sup> “Future tense forms are accented on the syllable containing the future (or conditional) suffix.”

uma vez que o sufixo indicador de futuro está mais afastado da borda direita da palavra e, ainda assim, o acento recai sobre ele.

O caso do Condicional alude outra vez ao cariz morfológico do acento primário pelo que optou-se pela ênfase nesta perspetiva para esta dissertação. Todavia, conforme observação feita em Magalhães (2016), existe divergência entre os autores que estudam os fatores que regem a seleção da sílaba sobre a qual a proeminência recai:

**Quadro 1-** Comparativo das duas vertentes<sup>29</sup>

Lee (1994), Pereira (1999), Mateus & Andrade (2000) e Mateus et al. (2003)	Bisol (1992), Brandão de Carvalho (2011), Wetzels (2007), Veloso (2007)
- O acento é função da morfologia: a sílaba portadora de acento primário é escolhida em função do lugar que ocupa dentro da estrutura <i>morfológica</i> da palavra.	- As propriedades fonológicas das sílabas da margem direita da palavra, nomeadamente o seu <i>peso silábico</i> , determinam, ao menos em parte, a posição do acento primário.

### 1.3. O acento na língua inglesa

No que concerne ao acento na Língua Inglesa emergem alguns questionamentos, uma vez que, após a descrição do acento primário na Língua Portuguesa é quase inevitável a comparação daquela dinâmica com a da língua germânica. Desse modo, levar-se-ão em conta as seguintes interrogações: No âmbito semântico, quais as implicações das várias posições acentuais? Em qual sílaba, geralmente, incide o acento primário? Qual é o grau de acentuação numa palavra em inglês?

Antes de tentar perceber quais são as alterações semânticas provocadas pelo acento, faz-se necessário considerar as palavras de Cruttenden (1997:15, tradução nossa)<sup>30</sup> “Como pré-requisito para a descrição da entoação devemos saber quais sílabas

---

<sup>29</sup> Veja-se essas informações em Magalhães (2016).

<sup>30</sup> “As a prerequisite for the description of intonation, we have to know which syllables are stressed in words so that we then know which syllables are potentially accentable in utterances; [...]”

são acentuadas nas palavras para então saber quais as sílabas são potencialmente acentuáveis ao nível do enunciado[...].” Nesse sentido, ao saber quais sílabas são acentuadas identifica-se o que ocorre ao nível do enunciado, tal como pode se distinguir o significado de palavras, a título de exemplo, *record*(nome) e *record*(verbo).

Tirando partido dessa constatação, tomar-se-á a sílaba como base na elucidação do fenômeno do acento primário na língua inglesa. Para além disso, discorrer acerca dos afixos e raízes das palavras é necessário, pois, consoante Cruttenden (1997:15, tradução nossa)<sup>31</sup>: “As palavras em inglês podem ser divididas em raízes e afixos. As raízes não incluem somente morfemas livres como *blood*, *survive* e *chloroform*, mas a parte da palavra que sobra ao se retirar um afixo [...]”.

Diante da relação da sílaba, da raiz e afixos com a incidência do acento primário, Cruttenden descreve algumas regras observáveis na língua inglesa. Essas, a seu turno, estão divididas em regras para os verbos e adjetivos; para os nomes e para palavras com mais de duas sílabas com uma vogal final longa. Exemplificando:

O acento recai na penúltima sílaba quando a sílaba final tem uma vogal curta numa sílaba aberta ou quando acompanhada por apenas uma consoante. Por exemplo, *surrénder*, *pólish*, *astónish*, *rígid*, *explícit*. De outra forma, o acento incide na sílaba final[...]. Conforme os exemplos, *reláte*, *maintáin*, *sublíme*, *sevére*, *rejéct*, *defénd*, *abrupt*.

(Cruttenden 1997:16, tradução nossa)

Os exemplos acima remetem ao papel das vogais finais na atribuição acentual, nomeadamente, do facto de ser aberta ou longa. Esta última (ser longa) aparece como decisiva no caso dos nomes em inglês, pelo que o autor supracitado assevera:

Se a sílaba final tem uma vogal curta, desconsidere-a e, siga os exemplos: *élephant*, *móment*, *compléxion*, *surrénder*. Caso a sílaba final seja uma vogal longa, ela recebe o acento, a título de exemplo: *políce*, *machíne*, *dispúte*, *campáign*, *catárrh*.

(Cruttenden 1997:16, tradução nossa)

---

<sup>31</sup> “English words may be divided into *stems* and *affixes*. Stems include not only single free morphemes like *blood*, *survive*, and *chloroform* but also that part of a word remaining when an affix is removed [...]”

Ainda no que concerne ao exemplo supracitado, saliente-se as palavras de Hayes (1980 *apud* Garcia, 2012), segundo as quais, no caso dos verbos e adjetivos (não sufixados), a sílaba final recebe acento no caso de conter duas consoantes. Dessa feita, tratar-se-ia não de uma contradição, mas de um acréscimo à regra descrita por Cruttenden.

A contribuição de Hayes acerca da possibilidade de duas consoantes na sílaba final, bem como as de Cruttenden para esta discussão até este ponto, dão-se no âmbito das palavras em inglês compostas por no máximo duas sílabas. Todavia, há outras regras de acentuação, nomeadamente quanto às palavras com mais de duas sílabas.

Nesses casos, quando albergam uma vogal final longa, a regra, consoante (*ibidem*) é a seguinte: “o acento pode opcionalmente não ocorrer na sílaba final, mas na antepenúltima, por exemplo, *ánedocte*, *fáhrenheit*, *pédigree*, *órganise*, *éscalate*, *móribund*, *érudite*. Portanto, mais uma vez a composição da sílaba assume um papel de relevo na atribuição acentual.

Apesar de a quantidade e composição das sílabas definirem a incidência do acento, estas componentes, não são as únicas, há papel assumido pelos sufixos, nomeadamente, as suas relações com o radical da palavra, consoante Cruttenden (*idem*)<sup>32</sup> “Uma vez que a maioria das regras de acento da Língua Inglesa compreendem a contagem do número e o tipo de sílabas a partir do final do vocábulo, a influência dos sufixos no acento das palavras é particularmente importante”.

O papel dos sufixos pode ser plasmado em algumas regras, as quais, por sua vez, são descritas pelo autor (*idem*, tradução nossa)<sup>33</sup> nos seguintes termos:

- (a) Os sufixos que não alteram o acento no radical. Por exemplo: *fulfil/fulfilment*, *usual/usually*; (b) os sufixos que atraem para si a prominência, e.g. *limit/limitation*,

---

<sup>32</sup> “Since most sets of rules for the stressing of English words involve counting the number and type of syllables working backwards from the end of the word, the influence of suffixes on the stressing of words is particularly important.”

<sup>33</sup> “(a) Suffixes which leave the stress on the stem unaffected, e.g. *fulfil/fulfilment*, *usual/usually*; (b) Suffixes which themselves take the stress, e.g. *limit/limitation*, *picture/picturesque*, *China/Chinese*; (c) Suffixes which shift the stress on the stem, e.g. *economy/economic*, *curious/curiosity*, *apply/applicant*, *maintain/maintenance*.”

*pícture/picturésque, Chína/Chinése*; os sufixos que alternam o acento entre ele e o radical, a título de exemplo: *economy/economic, cúrious/curiósity, apply/ápplicant, maintáin/máintenance*.

As regras dos sufixos fazem perceber a influência de componentes, muitas vezes considerados irrelevantes nas análises do acento das palavras. Com efeito, alguns estudiosos do assunto, nomeadamente da Fonologia Linear, debruçam-se sobre este quadro e tencionam dar explicações, conforme é salientado:

[...] tem sido tacitamente assumido que o âmbito de construção do pé-métrico é a palavra num todo, isto é, os pés-métricos são constituídos apenas depois de a palavra inteira ter sido formada[...] Em muitas línguas, o padrão normal de acentuação é interrompido pela estrutura morfológica das palavras. Em inglês, por exemplo, o acento nas palavras complexas não segue o mesmo padrão das palavras não-derivadas, como fica evidente pela comparação entre as palavras complexas *Japanése* e *Sócrates*.

(Gussenhoven e Jacobs 2005:207, tradução nossa)<sup>34</sup>

O que está detrás da diferença acentual entre os exemplos acima pode ser explicado por meio dos conceitos de blocos cíclico e não-cíclico<sup>35</sup>. Acerca desses conceitos, tencionando esclarecê-los ainda mais, cumpre salientar Gussenhoven e Jacobs (2005), pelo que fazem referência a exemplos do Latim para explicar os processos ocorridos na mudança de posição do acento:

---

<sup>34</sup> “[...] it has been tacitly assumed that the domain for the foot construction rules is the entire word. That is, feet were constructed only after the complete word had been formed[...] In many languages, the normal stress pattern is interrupted by the morphological structure of words. In English, for instance, stress in complex words does not follow the same pattern as stress in underived words, as is evident from a comparison of the complex word *Japanése* with the simplex word *Sócrates*.”

<sup>35</sup> Conforme Crystal (2008), no verbete *ciclo*: “Um princípio da Linguística Gerativa que permite que certas regras sejam aplicadas a partes de um marcador frasal, de maneira ordenada. Isso se dá quando apenas uma descrição estrutural deve ser cumprida, sem se considerar a estrutura frasal como um todo”.

- (17) a. i (l) tá(l) que (e então)  
 b. ple (l) rá(l) que (a maioria)  
 c. vi(l) rúm(p) que (e o homem)  
 d. ré(l) ne(l) gat (renega)

(Gussenhoven e Jacobs 2005:208)

O facto de o acento ora acontecer numa sílaba leve (l), ora pesada (p), vem explicitado no exerto que segue:

Em (17a, b), o acento está na sílaba leve, a penúltima. Isso é surpreendente, porque nas palavras com mais de duas sílabas o acento [no latim] incide sempre na antepenúltima sílaba, se a penúltima é leve, tal qual (17d). As formas em (17) são morfologicamente complexas: as três primeiras consistem da raiz mais o clítico *–que(e)*, enquanto a última forma é constituída pela raiz verbal mais o prefixo *re-* (de novo). Aparentemente, as regras acentuais têm de levar em conta a estrutura morfológica das palavras: um prefixo como *re-* não afeta o algoritmo acentual, enquanto um clítico como *que-* sim. Um modo possível de esclarecer isso na Teoria Métrica é dividir as operações morfológicas (prefixação, sufixação, composição, cliticização) em dois blocos: cíclico e não-cíclico [...]. A conclusão é que após cada operação morfológica as regras de acento são reaplicadas.

(Gussenhoven e Jacobs 2005:208, tradução nossa)<sup>36</sup>

Percebe-se uma influência decisiva dos prefixos e sufixos na determinação da posição acentual, noutras palavras, as operações morfológicas apresentam-se relacionadas com as fonológicas, nomeadamente, no caso em questão, o tipo de afixo faz com que a sílaba proeminente recue. Outro aspeto passível de descrição é o das palavras compostas, nomeadas na Língua Inglesa como *Compounds*.

---

<sup>36</sup> “In (17a,b), stress is on a light penultimate syllable. This is surprising, because in words of more than two syllables stress is always on the antepenult if the penult is light, as in (17b). The forms in (17) are all morphologically complex: the first three consist of a stem to which a clitic *–que*(and) is attached, while the last form consists of a verb stem to which a prefix *re-*(again) is attached. Apparently, the stress rules have to take into account the morphological structure of words: a prefix like *re-* has no effect on the stress algorithm, while a clitic like *–que* does. A possible way to account for this in metrical theory is to divide the morphological operations (prefixation, suffixation, compounding, cliticization) into two blocks: a cyclic and a noncyclic [...]. The assumption is that after each morphological operations the stress rules are reapplied.”

Nesse sentido, Cruttenden (1997:16, tradução nossa)<sup>37</sup> assere “[...] outro tipo de combinação de dois morfemas livres a qual admite variação menos paradigmática para cada elemento e a semântica da combinação é menos óbvia no que diz respeito a derivação de dois elementos, por exemplo, *bláckbird*, *mátchbox*, *líghtning conductor*, *blúe stocking*”. Ainda segundo o autor (idem)<sup>38</sup> “[...] o acento primário recai no primeiro elemento”. Portanto, identifica-se que no caso dos *Compounds*, o pico sonoro permanece no primeiro.

A regra de acentuação dos *compounds* no qual os sufixos e prefixos assumem papel preponderante na atribuição do acento acabam, após a exposição de outras regras acentuais do inglês, por findar esta discussão. Contudo, a discussão do sistema acentual do inglês em seguida ao sistema do português, levando em conta o tema deste trabalho, demandam algum estudo acerca das teorias de aquisição das línguas, conforme se dará seguimento no próximo capítulo.

---

<sup>37</sup> “[...] another type of combination of two free morphemes admits rather less paradigmatic variation for each elemento and the semantics of the combination is often less obviously derivable from two elements, e.g, *blackbird*, *matchbox*, *lightning conductor*, *blue stocking*.”

<sup>38</sup> “[...] the primary stress is on the first element.”

## **2. A aquisição do acento primário do inglês por falantes do PB**

Tendo em vista os objetivos deste trabalho; nomeadamente compreender como os sistemas acentuais interagem e como se dá a aquisição do acento por falantes do PB; daqui em diante tratar-se-á brevemente da aquisição de uma L2 e da relação entre os dois sistemas acentuais com as estruturas silábicas de ambas as línguas.

O tema deste capítulo versa não apenas da aquisição dos acentos nas duas línguas, mas da aquisição de uma L2 no geral, pois segundo à alusão de Chomsky (1986 *apud* Fragozo, 2017) à Gramática Universal (GU); a qual consiste na aptidão inata de cada ser humano em aprender uma língua e o facto de o acento ser parte dos sistemas de muitas línguas, inclusivamente do inglês e português; não ficaria claro o entendimento da aquisição do acento sem tomar conhecimento de algumas noções de aquisição das línguas de modo geral ou da estrutura silábica em ambas as línguas.

Tencionando ampliar essa discussão, este capítulo possui a estrutura: a secção 2.1 será nomeada *A aquisição de L2* e a secção 2.2 terá como título *A sílaba e o acento*.

### **2.1. A aquisição de L2**

Antes de se iniciar a discussão acerca da aquisição de uma L2 propriamente dita, vale sublinhar alguns conceitos pertinentes ao aprendizado de L1 dentro da perspectiva gerativa, os quais são determinantes para a compreensão do seu correlato na L2. Dessa feita, o posicionamento relativamente ao modo pelo qual o gerativismo aborda a aquisição, a Teoria dos Princípios e Parâmetros contidos em Chomsky (1981, 1986) e alguns conceitos de atrito linguístico virão de seguida.

#### **2.1.1. A perspetivação da aquisição de L2 pelo gerativismo**

Nas palavras de Fragozo (2017:18), a questão da rapidez e facilidade com que as crianças aprendem uma língua é desde muito alvo do interesse de linguístas e



interessados no tema. De facto, na década de 50 a maior parte dos estudos de aquisição de L1.

Fundamentava-se no *Behaviorismo* (conjunto de abordagens do comportamento focalizadas em estímulo, reforço e resposta). Todavia, algumas questões contradiziam essa corrente da psicologia e do aprendizado, dentre elas, as crianças apresentarem produções linguísticas do tipo “cabeu” e “fazi” no português, ou ainda, “goed” e “taked” no inglês. Nos dois casos, não há correlato na fala adulta. Portanto, como seriam apenas o resultado da imitação das crianças conforme o Behaviorismo afirmava? Para além disso, como somos capazes de produzir e compreender sentenças nunca antes ouvidas se a aquisição ocorresse somente a partir de factos observáveis?

Tencionando explicar esses casos, Chomsky (1965 *apud* Fragozo 2017) delinea uma teoria baseada na criatividade linguística. Nela, busca estabelecer as regras necessárias para gerar todas as sentenças gramaticais de uma língua. Consequentemente, o autor identificou a existência de uma *gramática gerativa* (consiste num conjunto de regras recursivas capazes de gerar regras nunca antes proferidas). Esse sistema pode ser analisado nas suas três principais componentes: *sintática* (conjunto de regras que definem as sentenças permitidas numa língua), *semântica* (conjunto de regras que definem a interpretação das sentenças elaboradas pela componente sintática) e *fonético/fonológica* (sistema de regras que realizam as sentenças geradas pela componente sintática por meio de uma sequência de sons).

Ainda tratando da criatividade das línguas, Chomsky (*ibidem*) aprofunda a sua noção de gramática gerativa e vai de encontro novamente às teorias linguísticas empíricas. O autor assevera mais uma vez que esse aspeto da linguagem não se daria somente por analogia, mas pela capacidade inata da mente/cerébro dos seres humanos, a GU, isto é, um sistema inato de princípios universais compartilhados por todas as línguas.

A presença desse aparelho da linguagem (GU) explicaria o que há de comum entre as línguas. Entretanto, por que ocorreriam as diferenças entre os vários sistemas linguísticos? Para equacionar esse problema, cumpre referir Chomsky (1981 *apud*

Fragozo 2017), pelo que neste trabalho os princípios universais estariam relacionados a parâmetros, os quais variam entre as línguas. Nesse sentido, o valor de um determinado parâmetro estaria condicionado a uma evidência linguística a qual a criança tem acesso, bem como a gramática é construída consorte a fixação dos valores no processo de aquisição.

Relativamente aos valores atribuídos pelas crianças dentro de determinados parâmetros tendo em vista a construção de sua gramática, na próxima secção será discutida a teoria dos princípios e parâmetros ao pormenor.

### **2.1.2. A Teoria dos Princípios e Parâmetros na aprendizagem de uma L2**

Consoante o visto até aqui, o aprendizado de uma língua por parte das crianças, nomeadamente da L1, envolve a ativação de sua GU, entretanto as componentes a serem ativadas dependem dos valores atribuídos dentro de certos parâmetros. Essa dinâmica estaria presente na aprendizagem de uma L2 também.

Essa perspetiva, conforme Kato (2005:194) não era corrente até a década de 80, pois havia uma tendência àquela altura que o fenómeno da aprendizagem de uma L2 fosse visto substancialmente distinto de uma L1. Em contrapartida, é possível afirmar que já na década de 70, isto é, antes da Teoria de Princípios e Parâmetros, existia a influência indireta de Chomsky no debate, pois estudiosos da psicolinguística (Corder, 1967; Selinker, 1972), adeptos da corrente generativista, analisavam os erros na aprendizagem de uma L2 não necessariamente sendo o resultado de transferência da L1, mas advindos de algum processo criativo.

Ora, essa estrutura criativa, conforme a secção anterior, estaria presente na aprendizagem de qualquer língua, quer seja uma L1 ou não. Sendo assim, o conceito da GU elucidaria alguns fenómenos pertinentes à aprendizagem de L2, sobretudo ao considerar a existência da estrutura inata e do seu respetivo processo criativo da linguagem descritos por Chomsky (1981 *apud* Fragozo 2017):

When the parameters of UG are fixed in one of the permitted ways, a particular grammar is determined, what I call a “core grammar”. In a highly idealized picture of language acquisition, UG is taken to be a characterization of the child’s pre-linguistic state. Experience- in part, a construct based on internal state given or already attained-serves to fix the parameters of UG, providing a core grammar guided perhaps by a structure of preferences and implicational relations among the parameters of the core theory.

(Chomsky, 1981)

Tirando partido dessa constatação, consorte Kato (2005:195), Chomsky questionou o seguinte: “como a criança, partindo da GU, chega a sua língua l”? A sua resposta levou ao desenvolvimento do modelo dos Princípios e Parâmetros. Em direção análoga, alguns psicolinguistas da área de L2 dedicaram-se à resposta da seguinte pergunta: Qual o estado S0=(GU) da aquisição de L2? Nesse caso surgem duas hipóteses:

- a) a primeira diz que o estado inicial é o mesmo de uma criança aprendendo a sua primeira língua, isto é, seria a GU. Se, além disso, aderirmos a hipótese de que há um valor ‘default’ que serviria de hipótese nula, o aprendiz de L2 começaria com o valor ‘default’[grifo nosso]<sup>39</sup> dos parâmetros, isto é, aquele que envolve menos custo derivacional. b) a segunda diz que o estado inicial apresenta as mesmas seleções dos valores dos parâmetros da língua l do sujeito, apenas recheado do léxico da L2, devendo haver, portanto, uma boa dose de transferência [...].

(Kato, 2005:195)

As duas possibilidades são discutidas por Kato (*idem*) a seguir com um exemplo no qual versa sobre o aprendizado do português por um estadunidense:

---

<sup>39</sup> Nas palavras de Kato (2002), “[...] pode-se pensar em valores marcados, que dependem de estímulos-gatilho durante a aquisição da língua materna para serem fixados, ou não marcados, os valores *default* da GU, que correspondem ao estado S0 da aquisição da língua materna; sendo os parâmetros, portanto, fixados nesses valores na ausência de qualquer estímulo-gatilho. Nesse sentido, pode-se pensar que algumas características estruturais das línguas humanas já estão previstas em S0, sendo, portanto, inatas ou bioprogramadas.

(Kato, 2005:196)

Por outro lado, se o aprendiz é japonês, cuja L1 tem marcação oposta aos valores do inglês nos dois parâmetros [Movimento –Wh e V- para Comp], a produção de uma sentença como (10) nada revela sobre o seu estado S0. Ele tanto pode estar usando a gramática de sua L1, o japonês, que não tem nem movimento –wh obrigatório e nem o movimento do verbo para Comp, como também pode estar usando os valores “default” desses dois parâmetros, a saber, os que não requerem movimento:

- (Kato, 2005:196)

Ainda tencionando responder a essa inquietação, o estudo de alguns teóricos (Paradis, 2007; Köpke, 2007; Grosjean, 1992; Smith, 2007) leva à percepção não somente da relação da Teoria dos Princípios e Parâmetros, mas alberga uma discussão acerca do atrito linguístico aquando do processo de aquisição da L2.

### 2.1.3. O atrito linguístico na aquisição de L2

O aprendizado do acento do inglês, conforme salientado anteriormente, afigura-se como passível de muitos erros, sobretudo, pelos falantes de português como L1 nos níveis iniciais de aprendizagem. Portanto, ao levar em conta a teoria dos princípios e parâmetros, bem como o facto do sistema acentual do português e do inglês variarem (cf. 1.2 & 1.3), o estudo do atrito linguístico assume papel de relevo para a explicação dos pontos de choque entre os dois sistemas acentuais.

Visando esclarecer essa questão, alguns estudiosos (Köpke, 2007; Paradis, 2007; Smith, 2007; Grosjean, 1992) questionam se as razões pelas quais a L1 ocupa um lugar privilegiado na mente humana são de cariz unicamente biológico. Nessa direção, Köpke (2007, tradução nossa)<sup>40</sup> indaga: [...]o cérebro humano contém alguma estrutura específica para a aquisição e retenção da L1? Ou alguma propriedade biológica do cérebro muda durante o processo de maturação? A gramática univesal existiria? Se existir, ela está parcialmente ou totalmente acessível aos estudantes de uma L2?

Essas questões levaram a investigações as quais consistiram, consoante Köpke (2007, tradução nossa)<sup>41</sup>: [...]na consideração da L1 sendo uma base estável e imutável a partir da qual a aquisição, o conhecimento e uso da L2 se desviariam em certa medida. Desse modo, os estudos no âmbito do atrito linguístico debruçam-se sobre em que medida uma L2 se diferencia da L1 e como um sistema se articula com o outro tendo em vista a funcionalidade da comunicação do falante.

Relativamente a essa constatação, a autora (*idem*, tradução nossa)<sup>42</sup> refere a uma: “[...]conceção tradicional segundo a qual a L2 se torna prevalente a medida que é utilizada no cotidiano, tal como vem a ser dominante na mente do falante, sendo que o interesse das investigações reside mais no tráfego das informações entre a L2 e L1”.

---

<sup>40</sup> “[...]the human brain contains something that is specifically equipped to acquire and hold a first language, or do certain biological properties of the brain change in the process of maturation? Is there such a thing as Universal Grammar and, if so, is it (wholly or partly) available to L2 learners?”

<sup>41</sup> “[...] L1 was assumed to be stable and unchanging baseline from which acquisition, knowledge and use of the L2 deviated in some ways.”

<sup>42</sup> “[...] the traditional idea is that, as the L2 becomes prevalent in everyday usage and dominant in the speaker’s mind, what is of interest to research is traffic which goes the other way.”

Entretanto, a tendência do afastamento cada vez maior com relação a L1 deve ser vista com cautela, pelo que Grosjean (1992, tradução nossa)<sup>43</sup> assere: “[...] quando um bilíngue está a falar com um monolíngue, sabemos que nesses casos a outra língua nunca é totalmente desativada”.

No que tange a presença contínua de um língua apesar de outra estar a ser utilizada numa certa situação salienta-se as palavras de Grosjean (1992):

Novas situações, novos ambientes e novos interlocutores envolverão novas necessidades linguísticas numa língua, numa outra, ou em ambas simultaneamente, por isso mudarão a configuração linguística das pessoas envolvidas; mas isso não modificará, de modo algum, a competência comunicativa dos envolvidos. Após um período de adaptação (ou reestruturação linguística) eles vão satisfazer plenamente as suas novas necessidades linguísticas.

(Grosjean, 1992, tradução nossa)

A referência a adaptabilidade linguística do falante robustece a afirmação anterior de que com o decorrer do tempo, a aprendente de uma L2, afasta-se de sua L1. Contudo, a asserção de que a competência comunicativa permanece inalterada, confirma a tese da não desativação por completo da L1. Essa perspectiva dialógica, explica em grande medida a existência dos fenômenos<sup>44</sup>: o *code switching*, *empréstimo linguístico* e o *language interference*. Conforme ilustrado pela seguinte conceção de Grosjean (2012, tradução nossa): “Por exemplo, o que pode ser visto como uma interferência acidental ou permanente de uma língua na outra durante a produção

---

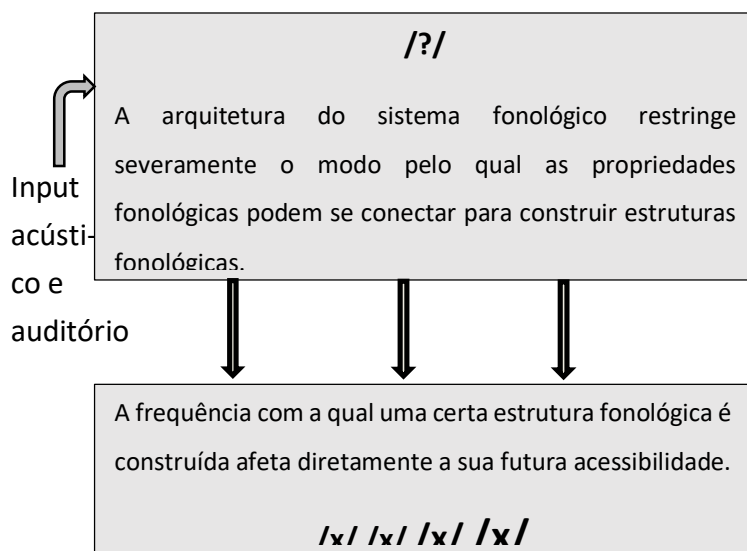
<sup>43</sup> “[...] when the bilingual is speaking to monolinguals; we know that in such cases the other language is never totally deactivated.”

<sup>44</sup> Segundo Crystal (2008), no verbete *código*, a mudança de código, denominada em inglês *code switching*, tratar-se-ia: “[...] pela mudança dos falantes (dependendo de onde estão e com quem estão falando) de um código para outro, como acontece com as formas regionais e padronizadas do inglês e o galês em determinadas regiões do País de Gales, ou entre variantes domésticas e ocupacionais”. Já no verbete *empréstimo* equivalente ao acima denominado *empréstimo linguístico*, o autor (*idem*) assere: “Termo usado na linguística histórica e comparada para indicar as formas linguísticas tomadas de uma outra língua ou dialeto. São exemplos de empréstimos as palavras *restaurante* (do francês *restaurant*) e *gol* e *parquear* (do inglês *goal* e *to park*), entre muitíssimos outros”. Por fim, no verbete *interferência*, correlato do termo em inglês *language interference*, Crystal (2008) define o termo: “Termo usado na Sociolinguística e no ensino de língua estrangeira, com relação aos erros que um falante introduz em uma língua como consequência de seu contato com outra língua.

linguística, pode ser perfeitamente um empréstimo linguístico consciente ou um *code switching* [grifo meu] numa produção no modo bilíngue”.

Os três processos linguísticos albergam inevitavelmente as noções de afastamento e de permanência da L1 durante um ato comunicativo. Nesse sentido, emerge o seguinte questionamento: Como tais noções estariam envolvidas na aprendizagem do acento do inglês pelos falantes de português como L1? Tencionando responder em parte a essa indagação sublinha-se o seguinte quadro que consta em Smith (2007):

**Figura 2- Dois fatores que afetam o desenvolvimento linguístico**



Fonte: Smith (2007, tradução nossa)

Conforme está plasmado na Figura 2, a quantidade de *input* (insumo) acomodado (*intake*) depende diretamente não somente da percepção do estímulo sonoro, mas de qual sistema fonológico prévio o falante possui. Para além disso, infere-se que maior a frequência do estímulo sonoro, mais facilmente a estrutura formada será acessada no futuro. Ainda segundo (Smith, 2007, tradução nossa)<sup>45</sup>: “[...]essa nova associação à estrutura é, após uso frequente, cada vez mais consistente no decorrer do tempo na

---

<sup>45</sup> “[...] this newly created structural association is thereafter established, via repeated use, more and more strongly over a period of time in long term memory.”

memória de longo prazo”. Portanto, a repetição afigura-se como um fator indispensável não somente à aprendizagem de algum input fonológico, mas no quanto rapidamente o sujeito acessará a esse conteúdo, noutras palavras, a fluência na sua pronúncia.

Por outro lado, o autor (*ibidem*)<sup>46</sup> relata da seguinte forma a consequência da ausência de ativação do novo conteúdo apreendido: “Assim sendo, pode-se inferir que as estruturas solidamente estabelecidas perdem a sua solidez caso não venham a ser utilizadas no decorrer do tempo [...]”. Desse modo, o facto de um conteúdo fonológico já estar bastante estabelecido numa estrutura da cognição não o isenta da sua suscetibilidade ao esquecimento.

A relação entre a repetição do input com a solidez da estrutura fonológica constituída, bem como da ausência de exposição ao estímulo com o seu eventual esquecimento são passíveis de acontecer, nas palavras de Smith (2007, tradução nossa)<sup>47</sup>, nos menores domínios da palavra: “Se isso [falta de repetição] permite a sua [conteúdo fonológico] quase imediata instigação, portanto a aquisição e o atrito linguístico ocorrem nos menores níveis da palavra constantemente”.

Tirando partido dessa constatação, infere-se que tanto a aquisição, quanto o atrito linguístico estão presentes ao nível silábico. Consequentemente, a discussão ao pormenor desse nível da hierarquia prosódica apresenta-se como indispensável, tal como a sua relação com a aquisição do acento do inglês e do português.

## **2.2. A sílaba e a aquisição do acento do português e do inglês**

Nas secções anteriores, discutiu-se a aquisição de uma L2 levando em conta os conceitos de (GU) e dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1965, 1981; Kato, 2005), bem como houve estudos de cariz ancilar sobre o atrito linguístico (Paradis, 2007; Köpke, 2007; Smith, 2007) pelo que trata-se de um fenómeno presente durante a aprendizagem

---

<sup>46</sup> “From this we may infer that highly accessible, strongly established structures will lose their position of strength if they are not used over a period of time[...].”

<sup>47</sup> “If one allows for the possibility of almost immediate extinction, then acquisition and attrition at micro level may be taking place *all the time*.”



do acento na língua inglesa.

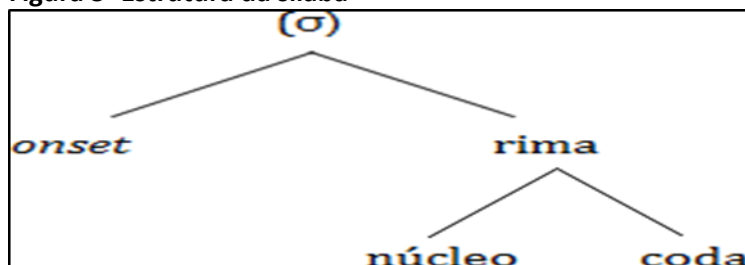
Acresce ainda que, considerando o exposto na secção que versa sobre o peso silábico, a sílaba é indispensável na atribuição do acento. Portanto, faz-se necessário investigar, a relação entre a sílaba e a aquisição do acento em português e inglês, conforme as secções seguintes.

### 2.2.1. A relação entre a sílaba e o acento

Tendo em vista o esclarecimento da interação entre a estrutura silábica e a atribuição do acento numa palavra, ressalta-se o facto da sílaba ser o constituinte mais baixo na hierarquia prosódica<sup>48</sup>. Uma sílaba consiste num ataque (onset) e uma rima, a qual é formada por um núcleo e uma coda. Cada uma dessas componentes pode estar vazia, a exceção do núcleo, o qual é composto por vogal (Nespor e Vogel, 1986; Selkirk, 1982)<sup>49</sup>.

Consoante os estudos de Selkirk (1982), a sílaba apresenta a seguinte estrutura:

**Figura 3- Estrutura da sílaba**



Fonte: Selkirk (1982 *apud* Fragozo 2017:159)

Tomemos o exemplo da palavra da língua inglesa *cat*, a consoante [k] seria o *onset*, a vogal [æ] o núcleo e o [t] a coda. Neste ponto, ressalta-se o facto de que as

---

<sup>48</sup> Veja-se a figura 1 no ponto 1.1.1.

<sup>49</sup> Sublinha-se que neste trabalho adotou-se a proposta de organização silábica conforme Selkirk (1982), mas existem outras propostas que tencionam explicar a organização dessa constituinte, dentre elas propostas autosegmentais segundo as quais a sílaba não possui uma estrutura interna e que os segmentos encontram-se ligados diretamente ao nó silábico (cf. Itô, 1986).

línguas variam no que diz respeito aos segmentos que podem compor essas posições nas sílabas (Fragozo, 2017).

De outro modo, existem várias propriedades universais da estrutura fonológica que se referem à sílaba, a título de exemplo, a obediência da estrutura silábica à condição de sequência de sonoridade pela qual o elemento mais sonoro sempre constituirá o núcleo da sílaba e será precedido ou seguido por segmentos com sonoridade crescente até o núcleo e decrescente até a coda, conforme o seguinte:

**Figura 4- Escala de sonoridade**

Escala de Sonoridade:			
Vogal > Líquida > Nasal >Obstruinte			
3	2	1	0

Fonte: Fragozo (2017)

Dessa feita, a sequência *nt*, a qual apresenta sonoridade decrescente, não pode compor o ataque de uma sílaba, mas pode constituir a coda. Por outro lado, a sequência *pr*, pode constituir o ataque, mas não a coda (Collinschön, 1999).

Ainda no que tange as propriedades universais da estrutura fonológica, Goldstein, Chitoran e Selkirk (2007 *apud* Fragozo, 2017) afirmaram que (1) as sílabas CV são as únicas encontradas universalmente; (2) os ataques podem se combinar, relativamente, de modo livre com o núcleo, já a combinação é mais restrita entre ataques, codas e entre núcleos e codas; (3) consoantes em codas são, no geral, morais (pesadas) e podem influenciar no padrão métrico, enquanto as consoantes no ataque dificilmente são consideradas em termos de peso silábico.

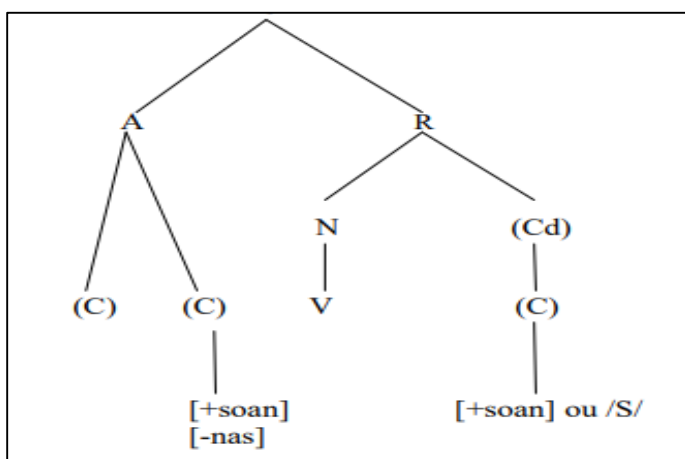
Nesse sentido, muitas línguas apresentam o peso silábico ligado diretamente às regras de atribuição de acento. Essa relação dá-se pelo facto de uma sílaba ser tônica ou átona em comparação com as demais. Portanto, a classificação como oxítônica, paroxítônica e proparoxítônica dependem da posição das sílabas tônicas nas palavras (Massini-Cagliari, 1999).

A disposição das sílabas numa palavra, sobretudo a relação entre tônicas e átonas, apresenta padrões, os quais variam entre as diferentes línguas. Logo, o estudo do padrão silábico do PB, apresentado a seguir, e a sua relação com a atribuição do acento vai ao encontro dos objetivos deste trabalho.

### 2.2.2. A relação entre a sílaba e o sistema acentual do português

No que tange o padrão silábico do PB, Bisol (1999) seguindo o entendimento de Selkirk (1982) e Harris (1983), perspectiva a sílaba do português possuindo constituintes imediatos. A autora trata a silabificação como um procedimento de mapa entre segmentos e estrutura-padrão tendo em vista à estrutura interna da sílaba, conforme a figura abaixo:

**Figura 5- Padrão de Construção da Sílaba Base (PCSB)**



Fonte: Bisol (1999)

Acerca dessa figura, consoante Bisol (1999) afiguram-se as seguintes constatações: (1) A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória; (2) A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal e a coda é uma soante ou /S/. (3) O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é soante não nasal.

Pode-se inferir ainda da figura (4), a representação do padrão canônico da língua portuguesa de onde se originam as estruturas bem ou mal formadas pelas quais uma cadeia de sons é medida em sílabas, tal como esta sequência indica: identificado o núcleo, projeta-se a rima e a sílaba; em seguida forma-se o ataque, simples ou complexo, de acordo com o Princípio de Maximização do Ataque; por fim, expande-se a rima com a formação da coda. Essa descrição compreende os seguintes Princípios Universais: o *Princípio de Sonoridade Sequencial* (PSS), o *Princípio de Preservação da Estrutura* (PPE), o *Princípio da Maximização do Ataque* (PMA), o *Princípio do Licenciamento Prosódico* (PLP) e o *Princípio de Integridade Prosódica* (PIP) (Aquino, 2014).

Relativamente ao (PSS) trata-se de um princípio que permite o reconhecimento do núcleo da sílaba e a distinção da ascendência da sonoridade desde o ataque até o núcleo e uma queda sutil do núcleo até a coda. Essa dinâmica representa o contorno ideal para uma sílaba, isto é, o desenvolvimento acentuado de sonoridade do ataque até o núcleo e uma leve queda do núcleo até a coda. Portanto, no português, platôs de sonoridade são admitidos apenas entre sílabas, não em seu interior (Aquino, 2014).

Em que pese o ataque, pode-se aludir ao (PPE) como sendo a silabificação, de outra maneira, um processo contínuo e cansativo que trata da qualidade dos elementos que podem compor o ataque, verificado pelos princípios da língua em particular. O cariz exaustivo da silabificação, conforme Itô (1986), está albergado pelo (PLP) pelo que serviria para não deixar material fonológico não ponderado ou ligado. Se assim o fosse, resultaria em apagamento.

Tirando partido dessa constatação, sublinha-se que a extrametricidade<sup>50</sup> ou extraprosodicidade seria uma opção para que o apagamento do material fonológico não ocorresse pelo que atingem os elementos das extremidades. Dessa forma, esses segmentos ficam notórios para a regra e, por fim, são reincorporados à sílaba ou à palavra.

---

<sup>50</sup> Veja-se a definição na secção 1.1.2.

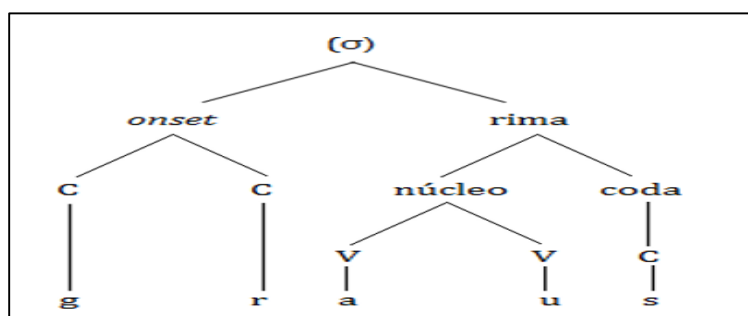
Esse procedimento possibilita o enfraquecimento da condição de coda para aceitar certas estruturas, tal como oportuniza a *epentização*<sup>51</sup> porque isenta segmentos por meio da silabificação no vazio, posteriormente preenchido por default ou *assimilação*<sup>52</sup>.

No que tange a epentização afere-se que ocorre ao nível da flexão, uma vez que, no português, o /s/ como marca de plural necessita se apoiar numa vogal já que as vogais epentéticas não recebem acentos primários, porém podem ser portadores de acentos secundários. Aqui, ressalta-se o (PIP), o qual mantém a estrutura de elementos que não sejam comprometidos com o aumento de material fonológico, isto é, a sílaba e o acento.

Essas duas componentes relacionam-se dependendo da estrutura silábica do português, isto é, a atribuição do acento ocorre devido a composição das sílabas nas palavras. Portanto, a descrição das várias combinações entre consoantes e vogais dentro das palavras auxilia no entendimento dos motivos da atribuição acentual.

A título de exemplo da dessa condição, veja-se o exemplo de inventário de sílabas do português sugerido por Selkirk (1982):

**Figura 6- Estrutura dos tipos silábicos do português**



Fonte: Selkirk (1982 *apud* Fragozo 2017:162)

<sup>51</sup> Conforme Crystal (2008:94), trata-se de “um termo usado na fonética e na fonologia para indicar um tipo de *intrusão* em que um som foi inserido no meio de uma palavra [...] e também a inserção de uma vogal após a consoante que termina em sílaba, em alguns dialetos do português [por exemplo] *rapto* é pronunciado /rapitu/ e *advogado* /adivogadu/”.

<sup>52</sup> Consoante Crystal (2008:33), trata-se de um “termo geral da fonética que se refere à influência exercida por um segmento de som sobre a articulação de outro, de forma que os sons se tornem mais parecidos, ou mesmo idênticos [...] na palavra *pasta*, por exemplo, o /s/ é articulado como uma consoante surda ([s] ou [ʃ], dependendo do dialeto) por causa da proximidade de uma consoante surda.

No modelo acima, pondera-se que a sílaba na língua portuguesa compreende no máximo cinco segmentos, de sorte que não há simultaneamente um núcleo e coda complexas. Para além disso, nota-se a potencialidade dessa estrutura em explicar todos os tipos silábicos do português conforme a sequência CCVVC.

Nesse âmbito silábico podem ocorrer as combinações assim plasmadas (Collinschön 2001:107):

V	<b><i>é</i></b>
VC	<b><i>ar</i></b>
VCC	<b><i>instante</i></b>
CV	<b><i>cá</i></b>
CVC	<b><i>lar</i></b>
CVCC	<b><i>monstro</i></b>
CCV	<b><i>tri</i></b>
CCVC	<b><i>três</i></b>
CCVCC	<b><i>transporte</i></b>
VV	<b><i>aula</i></b>
CVV	<b><i>lei</i></b>
CCVV	<b><i>grau</i></b>
CCVVC	<b><i>claustró</i></b>

Considerando essa listagem, sublinha-se o facto de a língua portuguesa conforme elucidado na secção 1.2, contar com a atribuição do acento nas três últimas sílabas apenas e, conforme Bisol (1992), ser sensível ao peso silábico. Assim, a constituição silábica, a noção de peso silábico e a janela das três sílabas (condição na qual o acento recai somente nas três últimas sílabas) interagem entre si.

A dinâmica delas é evidenciada pela análise de Bisol (1992), a qual afirma que quando a última sílaba de uma palavra for pesada o acento recairá sobre ela. Do contrário, o acento ocorre na penúltima (ex.: meNino, CAsa). Ou ainda, no caso em que a última sílaba for leve e a penúltima for pesada, o acento nunca recairá sobre a antepenúltima (ex.: caDAstro, paRENte), noutras palavras, não existe proparoxítonas se a sílaba pós-tônica não final (penúltima) tiver rima ramificada (ex.: camPEstre, e não \*CAMpestre)(Fragozo 2017:164).

Dessa feita, pode-se asserir que no português o acento é não-marcado em paroxítonas terminadas em sílaba leve (ex.: boNIto) e oxítonas terminadas em sílaba

pesada (ex.:viGOR), e é marcado em paroxítonas terminadas em sílaba pesada (ex.:fáCIL), nas oxítonas terminadas em sílaba leve (ex.:caFÉ) e nas proparoxítonas (ex.:ÁRvore) (Idem).

Essas e outras relações apresentam-se de modo resumido no quadro 1 a seguir:

**Quadro 2- Sílaba e acento no PB**

<b>ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (NOMES)</b>		
	<b>PADRÃO ACENTUAL</b>	<b>EXEMPLOS</b>
<b>NÃO MARCADO</b>	Sílaba final leve: <b>paroxítono</b>	<i>mesa, cadeira, batata, martelo, forte, monte, bala, dedo, conhaque</i>
	Sílaba final pesada: <b>oxítono</b>	<i>caracol, colher, civil, mulher, papel,</i>
<b>MARCADO</b>	Sílaba final leve: <b>proparoxítono</b>	<i>catástrofe, médico, pálido, xícara, abóbora</i>
	Sílaba final leve: <b>oxítono</b>	<i>café, jacaré, aqui, urubu, abacaxi</i>
	Sílaba final pesada: <b>paroxítono</b>	<i>fácil, álbum, revólver</i>

Fonte: Fragozo (2017)

As informações contidas nesse quadro aliadas ao texto descrito na secção 1.2 fomentam um aparelho de análise do fenômeno do acento na língua portuguesa. Evidentemente que a relação da sílaba com o acento acaba, como veremos nas secções seguintes, estar mais relacionada com a aquisição, enquanto o a secção 1.2 informar sobre as regras do acento no geral.

Tendo em vista que o objetivo deste capítulo é tratar da aquisição do acento, tal como um dos objetivos desta dissertação ser investigar a língua inglesa, portanto, seguirá uma breve discussão sobre a relação entre a sílaba e acento no inglês.

### **2.2.3. A relação entre a sílaba e o sistema acentual do inglês**

Ao ponderar o facto de que a estrutura silábica no português assume papel de relevo no que concerne a atribuição do acento, infere-se no caso da língua inglesa

condição semelhante. Desse modo, cumpre salientar as palavras de Collischonn (1999:108) acerca da fonotaxe do inglês:

VC	id	VV	l([aj])
CVC	bad	VVC	isle([ajl])
CCVC	bread	CVV	bye([baj])
CVCC	band	CVVC	bide([bajd])
CCVCC	brand	CVVCC	binde([bajnd])
		CCVVC	bride([brajd])
		CCVCC	grind([grajnd])

A autora assere que, a estrutura mínima admitida é VC ou VV, enquanto a estrutura máxima consiste em CCVVCC. A essas configurações, Yavas (2006:135) acresce os padrões seguintes:

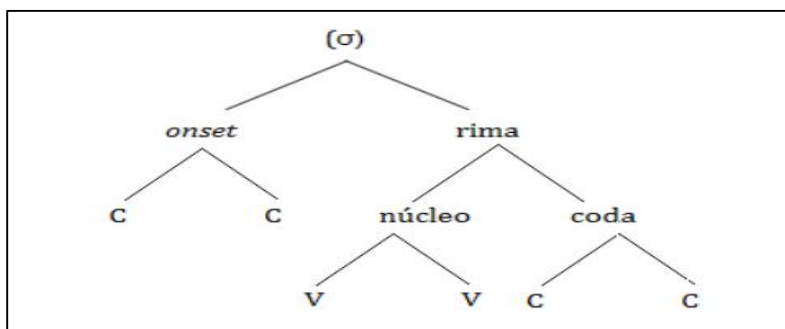
CCCVV	spray	[spɹej]
VCC	act	[ækt]
VCCC	busts	[bʌsts]
CVCCC	text	[tɛkst]
CCVCCC	sphinxs	[sfinks]
CCCVCC	sprint	[spɹint]

Para além disso, caso os sufixos sejam considerados, o autor concebe mais estruturas:

CCCVCCC	sprints	[spɹints]
CVCCCC	world	[wɜːldz]
CCVCCCC	twelfths	[twɛlfθs]

Selkirk (1982) a seu turno defende, no máximo, duas posições no *onset*, duas vogais no núcleo e duas consoantes na coda (CCVVCC), consorte a seguir:

**Figura 7- Proposta de estrutura silábica**



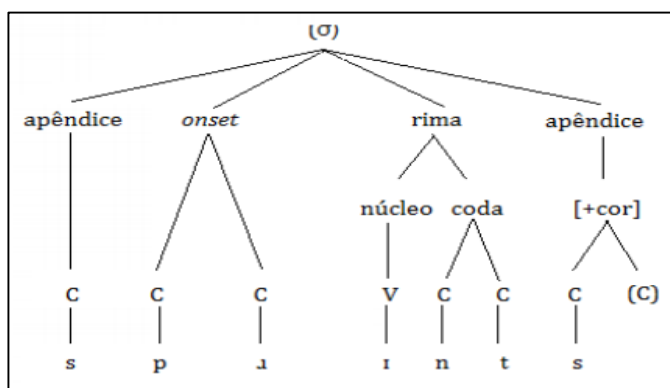
Fonte: Selkirk (1982)



Todavia, autores conforme Yavas (2006) evidenciam a ocorrência de até sete segmentos na sílaba do inglês: três consoantes no *onset*, uma vogal no núcleo e três consoantes na coda (CCCVCCC), e.g. a palavra *sprints*; ou duas consoantes no *onset*, uma vogal no núcleo e quatro consoantes na coda (CCVCCCC), tal qual a palavra *twelfths*.

Para Selkirk (1982), esses casos ocorrem, somente, em posição inicial ou final de palavra e devem ser caracterizados como *apêndices*, ou violações da estrutura silábica expressa na figura 6. Os apêndices podem ser constituídos por uma consoante ou sequência de consoantes a qual não é permitida em posição medial. Portanto, a sílaba de uma palavra como *sprints* (CCCVCCC), seria organizada da seguinte maneira:

**Figura 8- Proposta de estrutura silábica de Selkirk (Compreende os apêndices e violações)**



Fonte: Selkirk (1982)

Todas essas combinações de vogais e consoantes, na língua inglesa, podem acontecer na língua inglesa com diversos segmentos. Evidentemente, alguns segmentos são cabíveis ou não em certa parte da estrutura silábica. Nesse sentido, Yavas (2006) discorre que a única consoante que não pode se afigurar na posição de ataque é /ŋ/. Já o fonema /ʒ/, está presente somente nos estrangeirismos, por exemplo, *genre*, porém pode ocorrer em ataque medial, tal qual em vi[ʒ]ion. No que tange o fonema // tem o uso restrito a palavras funcionais como *the, this, then*, etc...

Acerca dos ataques ramificados compostos por duas consoantes, afirma-se que as africadas são a única classe de consoantes que não são realizadas nessa posição. Portanto, de modo resumido, as possíveis combinações de ataque ramificado em inglês

são: (a) /s/ + C (sendo C qualquer consoante que possa assumir a posição C2, exceto /ɹ/; /ʃ/ acontece antes de /ɹ/), e (b) obstruinte + aproximante, com algumas restrições (Yavas, 2006).

Finalmente, nos ataques ramificados com três consoantes, a única combinação possível é a seguinte: C1= /s/, C2=plosiva desvozeada, C3=aproximante. Essa configuração pode gerar 12 possibilidades, apenas 7 acontecem na língua (ex: *spring, splash, spew, string, scrap, skate, squeeze*).

A rima, semelhantemente ao português, pode ser constituída por uma vogal (ex: *card*) ou um ditongo (ex: *spray*) sendo um núcleo ramificado no segundo caso (Hayes, 1980).

Nas codas ramificadas com três consoantes, no geral, todas as combinações consistem numa líquida ou uma nasal seguida por duas obstruintes não vozeadas (ex: *sculpt, corpse*), exceto quando C1= plosiva, C2=fricativa, C3=plosiva (*midst/dst/, next/kst/*).

Para além das variadas combinações de segmentos possíveis, sublinha-se que segundo Hayes (1982), o acento no inglês é listado no léxico e derivado através de regras. No que tange os substantivos, o autor assere o seguinte: (1) Se a penúltima sílaba for pesada (isto é, se contém uma vogal longa ou uma consoante em posição de coda), o acento cairá sobre esta sílaba (ex: ariZOna, paPAYa, neBRASka, aGENda); (2) Se a penúltima sílaba for leve, o acento recai sobre a antepenúltima sílaba (ex: aMERica, CAmera, CINema, CApital).

Já quanto aos verbos e adjetivos, o autor propõe: (c) palavras terminadas em vogal longa receberão o acento na última sílaba, como nos verbos mainTAIN, eRASE e deCIDE e nos adjetivos suPREME, e reMOTE; (d) palavras terminadas em vogal curta seguida de rima complexa ((C)VCC), também receberão o acento na última sílaba, como no caso dos verbos coLLAPSE, eLECT e obSERVE e dos adjetivos abSURD, coRRUPT e iMMENSE; (e) palavras terminadas em vogal curta seguida de apenas uma consoante recebem o acento na penúltima sílaba, como no caso dos verbos Edit, iMAGine e reMEMber e os adjetivos Solid, HANDsome e meCHANic.

A perspetivação do acento no inglês por Hayes (1982), fundamentada na teoria métrica, explica vários casos de acentuação a partir da premissa do acento ser listado no léxico. Essa contribuição, bem como o restante da informação contida neste capítulo aliadas a discussão desenvolvida nos capítulos primeiro e segundo deste fundamentarão alguma discussão dos dados tendo em vista o alcance dos objetivos geral e específicos desta dissertação.

### 3. Discussão

Tencionando esclarecer o fenômeno da aquisição acentual do inglês, nomeadamente, do seu aprendizado pelos falantes de português como L1, seguirá uma discussão sobre a teoria descrita até aqui. Nesse sentido, os subcapítulos estarão organizados conforme o objetivo geral e os objetivos específicos desta dissertação, a saber: *identificar de que maneira a aquisição do acento primário do inglês acontece pelos falantes do PB; descrever teorias pertinentes aos sistemas acentuais do português e do inglês e dispor acerca da aquisição de L2 e sua relação com o acento do inglês pelos falantes de PB.*

Esses objetivos norteiam a composição do texto deste capítulo, entretanto não bastam para que a sua organização seja efetiva. Portanto, optou-se pela subdivisão em: *A relação entre os sistemas acentuais do inglês e português* (subcapítulo 3.1) e *A relação entre a aquisição do acento primário do PB com alguns pontos de interação entre os sistemas acentuais do inglês e português* (subcapítulo 3.2). Com essa estrutura acredita-se que ao fim da discussão dos dados haverá subsídio suficiente para que se chegue a algumas considerações finais sobre os objetivos acima descritos.

#### 3.1. A relação entre os sistemas acentuais do inglês e português

Os dois sistemas acentuais, conforme o aludido nos subcapítulos (1.2 & 1.3) deste trabalho, apresentam convergências e divergências. Desse modo, neste subcapítulo, tencionou-se descrever quais seriam alguns desses pontos e buscou-se identificar as suas relações com a aquisição do acento pelos falantes de português, a título de exemplo, a distinção entre os tempos verbais pela posição acentual.

##### 3.1.1. A distinção dos tempos verbais pela posição do acento

À partida, um dos aspetos observados nesta investigação foi a existência de mais afixos verbais na língua portuguesa comparado ao inglês, isto é, enquanto no português existe uma quantidade maior de flexões verbais, a título de exemplo; *canto, cantas,*

*canta, cantamos, cantais e cantam* (verbo cantar/pres.); no inglês o seu correlato varia apenas na terceira pessoa: (I)*sing*, (you)*sing*, (He,she,it) *sings*, (we)*sing*, (they) *sing*. Esse é o padrão absoluto na língua inglesa no que diz respeito a flexão verbal.

Tirando partido dessa constatação, sublinha-se as palavras de Wetzels (2006 *apud* Magalhães, 2016) segundo as quais a presença ou não de um afixo verbal influiria da atribuição do acento. Nesse sentido, emerge o seguinte questionamento: Qual a leitura que um falante de português faria de um verbo no inglês sem afixo, sendo que o seu correlato em português o possui? Por exemplo, o verbo *to defend* no inglês e *defender* no português, os quais na primeira pessoa do plural apresentam configurações distintas, a saber: *we defend* (inglês) e *nós defendemos* (português).

Nesse caso, o que está em causa é a opção que o falante de português, que não tenha tido contato com essa palavra em inglês antes ou tenha um nível de proficiência elementar, vai fazer em termos de posição do acento. Em outros termos, o falante de português recuaria o acento da palavra *defend* para a penúltima sílaba? Se o fosse, estaria a respeitar escrupulosamente o seu correlato em português pelo que a regra do acento primário no caso do tempo presente no português (cf. 1.2.3.) consiste em 75% dos casos ser na antepenúltima sílaba.

Em que pese essa possibilidade, faz-se necessária cautela antes de asserir que esse erro de pronúnciação ocorreria, porque apesar de Kato (2005) afirmar, conforme a Teoria dos Princípios e Parâmetros, que se busca o menor custo derivacional (uso do valor default) aquando da aprendizagem de uma nova estrutura da L2, Köpke (2007) vai, ao menos em parte, de encontro a essa constatação, pelo que considera que a aquisição, o conhecimento e o uso da L2 se desviariam por vezes da L1.

Ora, de facto o acento dessa expressão está na última sílaba (*we defend*), isto é, difere do seu correlato no português (*nós defendemos*). Se pode interpretar que, neste caso, o português tem regra igual ao inglês, pode-se interpretar que em termos acentuais o sufixo de tempo e número (*-mos*), no caso do português, não seria relevante. Contudo, segundo Wetzels (*ibidem*), as formas de futuro em português recebem o acento no sufixo de futuro. Nesse sentido, a hipótese há pouco levantada

poderia não ter validade e surgem outras perguntas: Teria o afixo verbal do português papel relevante na aquisição do acento do inglês? Ou o recuo dar-se-ia por outros motivos que não morfológicos? Por exemplo, questões relacionadas ao peso silábico. Se a noção de quantidade tiver alguma relação com a atribuição do acento no caso da expressão acima do português, terá com outros casos? Por fim, se o peso silábico exercer um papel na atribuição do acento daquela expressão, o falante do português transporia a regra para o inglês?

### **3.1.2. A noção de peso silábico na interação entre os dois sistemas acentuais**

Tendo em vista responder às questões da secção anterior, cumpre definir o que seria a noção de peso silábico. Desse modo, conforme (Gussenhoven e Jacobs, 2005 & Ewen e Van der Hulst, 2001), várias línguas distinguem as sílabas por meio da *quantidade* (propriedade das sílabas determinada pelo número de segmentos na rima). Dentre as línguas passíveis desse tipo de distinção, considerando as controvérsias, o português estaria incluído.

No que diz respeito ao cariz controverso dessa noção no português, ressalta-se o quadro 1 (cf.1.2), no qual estão descritos os dois posicionamentos acerca do acento na língua portuguesa. Numa perspetiva, conforme (Lee, 1994; Pereira, 1999; Mateus e Andrade, 2000; Mateus et al. 2003), o acento primário seria atribuído em função da posição que ocupa na estrutura da palavra morfológica da palavra, na outra, consorte (Bisol, 1992; Brandão de Carvalho, 2011; Wetzels, 2007; Veloso, 2007), as características fonológicas da margem direita da palavra, isto é, o seu peso silábico selecionam, ao menos parcialmente, a posição do peso silábico.

A segunda perspetiva é exemplificada pela língua inglesa, pelo que nas palavras de Chomsky e Halle (1968 *apud* Pater, 1995, tradução nossa)<sup>53</sup>: “o peso silábico apresenta um papel preponderante na atribuição do acento primário do inglês. Os

---

<sup>53</sup> “It has been agreed that syllable weight plays a determining role in main stress placement in English. Nouns, for example, are stressed on the penultimate syllable if it is heavy, where either a long vowel, or a coda consonant makes a syllable weight. When the penultimate is light, stress is antepenultimate”.

nomes, por exemplo, são acentuados na penúltima sílaba, caso esta seja pesada, onde uma vogal longa ou uma coda consonantal faz a sílaba pesada. Quando a penúltima é leve, o acento vai para a antepenúltima”. O facto de a sílaba conter segmentos, tais quais a duração da vogal, ou ainda, a presença de uma vogal e consoante na rima, segundo os autores, demonstram a sensibilidade da Língua Inglesa a noção de quantidade.

Tirando partido dessa constatação, nota-se que essa afirmação vai ao encontro do que vários autores (cf. 1.3) asserem acerca das regras de acentuação da língua inglesa. Portanto, levando em conta a convergência desses estudiosos, tal como o facto de que a composição da sílaba assume papel de relevo na definição do peso silábico, cabe examinar a composição das sílabas tanto no português quanto no inglês.

No caso do português, o acento depende da constituição silábica (cf. 2.2.2). Similarmente na língua inglesa, segundo Collischonn (1999), a estrutura silábica nas suas inúmeras combinações entre vogais e consoantes têm estrita relação com a atribuição acentual. Aqui ressalta-se as palavras de Yavas (2006) segundo as quais a sílaba do inglês compreende até sete segmentos no máximo, diferentemente do português, conforme Selkirk (1982), que conta no máximo com cinco segmentos.

As diferenças entre as estruturas silábicas das duas línguas poderiam, ao menos, se considerada a hipótese da sensibilidade do peso silábico para o português, contribuir para alguma dificuldade na aquisição do acento do inglês, pelo que se a sílaba de um língua pode conter mais segmentos do que outra, então uma sílaba considerada pesada numa poderia ser percebida como não pesada noutra. Entretanto, essa hipótese não parece ser passível de exame sem considerar alguns fatores relativos à aquisição de uma L2.

Um deles é, conforme Smith (2007), a relação estabelecida entre o input com a estrutura fonológica já constituída do falante ou da ausência de exposição ao estímulo com o seu possível esquecimento<sup>54</sup>. O autor (*idem*) ainda asserir que essa situação estaria presente nos menores domínios da palavra.

---

<sup>54</sup> Para maior entendimento do assunto vide a figura 2.

Ora, sabe-se que a sílaba consoante a teoria da estrutura rítmica, nomeadamente dentro da hierarquia prosódica, está no nível mais baixo<sup>55</sup>(Nespor & Vogel, 1986). Assim sendo, considerando ainda as palavras de Smith (2007), seria passível de não somente estar exposta às consequências da frequência de um input sonoro, como o nível de solidez do sistema fonológico já presente (neste caso do português) estaria relacionado com a possível aquisição do acento da língua inglesa. Se existe a relação entre o nível de solidez do sistema fonológico com a aquisição do acento, então haveria transposição das regras do peso silábico de uma língua para outra também. Portanto, a diferença entre as estruturas silábicas do português (a qual comporta até cinco segmentos) e do inglês (a qual é constituída por até sete segmentos) implicaria, ao menos no início do processo de aprendizagem do inglês com L2, erros na atribuição do acento. Similarmente, se admitida a sensibilidade do peso silábico para o português, supostamente o falante poderia atribuir peso a uma sílaba a qual, de facto, não o teria.

Tendo em vista, as possibilidades de interação entre os dois sistemas acentuais que emergiram nesta secção e em todo o subcapítulo, cumpre focalizar na sequência a aquisição de L2, visto que poderia explicitar algumas das hipóteses levantadas. Consequentemente, essas hipóteses serão pespetivadas por alguma teoria acerca da aquisição de L2 já discutida anteriormente.

### **3.2. A relação entre os questionamentos e hipóteses com a teoria de aquisição de L2**

Conforme visto no subcapítulos anteriores, ao se comparar os dois sistemas acentuais, alguns questionamentos e hipóteses foram levantadas acerca da dinâmica de interação entre eles. Entretanto, o foco naquela secção deu-se na interação em si, sem abordar a aquisição de L2 de modo mais robusto. Com essa disposição, o texto estaria a se afastar dos objetivos desse estudo, nomeadamente, descrever a relação entre a

---

<sup>55</sup> Veja a figura 2 para entendimento ao pormenor.



aquisição de L2 com o acento do inglês pelos falantes de português.

Nesse sentido, cumpre versar sobre os questionamentos e hipóteses que emergiram ao se comparar ambos os sistemas acentuais. Para além disso, relacioná-los com a teoria de aquisição de línguas, sobretudo, no que concerne ao atrito linguístico existente aquando do contato entre as duas noções de acento pelos falantes.

### **3.2.1. O possível papel do afixo do português na definição do acento do inglês**

Um dos questionamentos levantados anteriormente (cf.3.1.1) consistiu no seguinte: Teria o afixo verbal do português papel relevante na aquisição do acento do inglês? Àquela altura considerou-se o exemplo das expressões do inglês *we defend* e o seu correlato no português *nós defendemos* para as quais se sublinhou o facto de no português a primeira pessoa do plural contar com o afixo verbal *-mos*, enquanto o seu homólogo em inglês não conter afixo.

Nesse sentido, o que estaria em causa era um possível erro de pronúncia causado pelo falante do português, porque transporia a regra da posição acentual do português para o inglês. Consequentemente, a sua pronúncia da palavra inglesa dar-se-ia com o acento na penúltima sílaba, i.e., *we defend*.

Essa hipótese pode ser perspectivada, segundo Kato (2005) no aprendiz de L2 a realizar considerável transferência de uma língua para outra, uma vez que, estaria apenas a rechear as seleções dos valores da sua L1 com o léxico da L2. Portanto, o falante de português, no caso aludido, poderia realizar a transferência da regra acentual de uma língua para outra.

A hipótese da transferência, entretanto, é contrariada pelo próprio autor (*idem*) ao referir o facto de que um estudante de uma L2, apesar de na sua L1 ter um certo parâmetro marcado, por meio da aprendizagem das regras da língua alvo não repeti-lo-á na L2. Assim sendo, a transferência no âmbito da aquisição do acento poderia estar relacionado com o nível de aprendizagem do aluno.

Ainda no que concerne ao papel da aprendizagem, as palavras de Köpke (2007)

postulam que o conhecimento de uma L2, o seu uso e a sua aquisição desviar-se-iam da base estável e imutável da L1. A essa constatação a autora (*idem*) acresce que a L2 prevalece à medida em que é utilizada no cotidiano, de modo que vem a ser dominante na mente do falante. Portanto, apesar de estar presente durante a aquisição da L2, a L1 perderia espaço na mente do falante com a prática da nova língua aprendida.

Ora, essas ponderações podem ser estendidas à aquisição do acento do inglês pelos falantes do português, pelo que albergam aspectos presentes na aquisição acentual, tais quais a transferência linguística e a seleção de valores paramétricos. Para além disso, elas seriam corroboradas no âmbito do estímulo sonoro, pelo que Smith (2007) asseire que uma nova associação a uma estrutura fonológica qualquer, após reiterado uso, torna-se cada vez mais consistente na memória de longo prazo. O autor (*idem*) ainda, conforme a figura 2 deste trabalho, alude que a quantidade do *input* acomodado, isto é, o *intake* submete-se não apenas a percepção do estímulo sonoro, mas do sistema fonológico prévio que o falante possui.

Tirando partido dessas constatações, há subsídio o suficiente para considerar a transposição das regras de acentuação do português para o inglês inevitável. Além disso, identifica-se que o uso constante da L2 levaria à diminuição correspondente da interferência da L1, noutras palavras, a influência do sistema acentual do português no inglês seria cada vez mais atenuada pela quantidade de uso da língua alvo, bem como o estudante ter acesso ao ensino formal da língua inglesa, tais quais livros didáticos, recursos digitais, etc.

Por outro lado, apesar de haver a transposição das regras de acentuação do português para o inglês, não se pode asserir, levando em conta a teoria descrita até aqui, que o falante de português no caso de uma pronúncia errônea em inglês *we defend*, estaria a considerar o afixo verbal *-mos* da expressão *nós defendemos*. Nesse sentido, a confirmação do recuo à partida; depois do papel do afixo na transposição do acento de uma língua para outra, demandaria mais informações, quer seja de cariz teórico ou empírico.

Tal limitação poderá ocorrer também com a hipótese do papel do peso silábico

neste e outros possíveis erros de pronúncia. Desse modo, cumpre analisar à luz da teoria da aquisição de L2 a sua possível relação a atribuição do acento naquele contexto.

### **3.2.2. A possível transferência da sensibilidade ao peso silábico**

Para atribuir algum papel ao peso silábico no que diz respeito a alguns erros de pronúncia do inglês realizados pelos falantes de português como L1, cumpre salientar alguns questionamentos já discutidos.

Relativamente a esses questionamentos levantados anteriormente (cf.3.1.1) enumeram-se os seguintes: se a noção de quantidade tiver alguma relação com a atribuição do acento no caso da expressão acima do português (*we defend/nós defendemos*), terá com outros casos? Ou ainda, se o peso silábico exercer um papel na atribuição do acento daquela expressão, o falante do português transporia a regra para o inglês?

Tencionando responder a essas perguntas impõe-se, antes de tudo, referir à constatação já realizada no subcapítulo anterior, isto é, a transposição das regras de acentuação do português para o inglês seria inevitável. Todavia, o que está em causa, em primeiro lugar, é se a transferência ocorreria naquele exemplo, depois se ela estaria presente noutros casos.

Para testar a primeira hipótese ressaltam-se as palavras de Kato (2005) segundo as quais o aprendiz buscaria no início da aprendizagem da sua L2 o menor custo derivacional. Assim sendo, no caso da transposição do português para o inglês, seria mais simples para o aluno perspetivar o acento das palavras do inglês pelas configurações dos segmentos da sílaba do português?

A verificação dessa possibilidade torna-se um procedimento de alto nível de dificuldade, porque (cf.1.2.3.) existem autores que defendem a atribuição do acento no português causada unicamente por fatores morfológicos (Lee, 1994; Pereira, 1999; Mateus & Andrade, 2000; Mateus et al.,2003), outros advogam a susceptibilidade, ao

menos em parte do peso silábico (Bisol, 1992; Brandão de Carvalho, 2011; Wetzels, 2007; Veloso, 2007).

A divergência entre as duas perspectivas, nomeadamente de uma delas considerar que o peso silábico influenciaria em parte a atribuição do acento, tornaria a transposição um processo complexo, caso fosse considerada verdadeira. Desse modo, iria de encontro às palavras de Kato (2005) acima mencionadas, noutras palavras, não se trataria de um menor custo derivacional.

Ora, apesar da dificuldade em se testar a transposição das regras do peso silábico do português para o inglês, é possível que ela exista pelo que vários trabalhos (Smith, 2007; Grosjean, 1992, 2012) asserem o facto de que um falante de L2 não desativa por completo a sua L1 quando está a fazer uso da sua língua não materna. Portanto, em algum momento do uso da L2 o falante poderia recorrer a estruturas da L1, inclusivamente quanto ao uso das regras do peso silábico de uma língua para outra tendo em vista a atribuição acentual da palavra.

A não desativação inteiramente de uma das línguas durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, apesar de aproximar da validação da hipótese do peso silábico do português afetar a atribuição do acento no inglês, não é determinante. Não sendo o suficiente no geral, por extensão, não é no caso da pronúncia das expressões supracitadas (*we defend/nós defendemos*).

Em que pese não se chegar a uma conclusão acerca da influência do peso silábico na atribuição do acento no inglês, o exercício conjectural conduzido neste subcapítulo aproxima ainda mais a discussão desta dissertação dos seus respectivos objetivos. Consequentemente, propicia fundamento e direcionamento para futuros estudos, nomeadamente, de cariz empírico sobre a aquisição do acento do inglês pelo falante de português.

## Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo geral identificar de que maneira a aquisição do acento primário do inglês acontece pelos falantes de PB. Para este estudo o seguinte questionamento nos norteou:

(i) De que forma a aquisição do acento primário em inglês ocorre pelos falantes de PB?

De modo a responder a essa questão, bem como atingir o objetivo geral foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

(i) Descrever as teorias pertinentes aos sistemas acentuais do português e do inglês;

(ii) Dispor acerca da aquisição de L2 e a sua relação com o acento do inglês pelos falantes de PB.

Tencionando atingir os objetivos geral e específicos, tal como responder a questão de início da pesquisa foi desenvolvido um trabalho fundamentado em três capítulos e baseado em alguma teoria sobre esses assuntos no português e no inglês.

No primeiro capítulo, à partida, procurou-se discorrer sobre alguns meios de análise pelos quais o acento pode ser perspectivado, isto é, a Teoria da Estrutura Rítmica, a Teoria do Acento Métrico e a Noção do Peso Silábico com base nos estudos de Hayes (1989), Nespor e Vogel (1986), Selkirk (1980), Ewen e Van der Hulst (2001), etc. Depois, descreveu-se as regras de acentuação do português e do inglês fundamentado nos trabalhos de Mateus e Andrade (2000), Wetzels (2007), Bisol (1992), Magalhães (2016), Cruttenden (1997), Gussenhover e Jacobs (2005), etc.

No segundo capítulo, tratou-se da aquisição da L2 tendo em vista a sua relação com os sistemas acentuais do inglês e português. Para isso, abordou-se o fenómeno da aprendizagem de um L2 por meio dos trabalhos de Chomsky (1981, 1986), Kato (2005), Paradis (2007), Köpke (2007), Grosjean (1992), Smith (2007), Nespor e Vogel (1986), Selkirk, 1982), Collinschön (1999), etc.

Por fim, o terceiro capítulo consistiu numa discussão sobre alguns pontos de convergência e divergência entre os dois sistemas acentuais, bem como a sua relação com a aquisição de uma L2. Mais à frente, discutiu-se alguns questionamentos e hipóteses provenientes da análise dos pontos de convergência e divergência desses sistemas.

Por conseguinte, e levando em conta todo o trabalho até aqui realizado, pensou-se realizar algumas considerações finais acerca desses questionamentos e hipóteses, conforme o que segue:

(i) O afixo do português teria um papel na definição da posição acentual do inglês.

Conforme a discussão realizada no capítulo três, o afixo do português poderia interferir na atribuição do acento da língua inglesa pelos falantes de PB. Essa possibilidade foi analisada por meio de algumas afirmações de Kato (2005), Köpke (2007) e Smith (2007). Segundo os autores, ocorreria transferência de uma língua para outra no que diz respeito a aprendizagem do inglês pelos falantes de PB. Todavia, consoante Köpke (2007) a medida em que se aprende o inglês menor seria a influência do português. Esse progressivo afastamento da L1, portanto, dá a possibilidade de que no hipotético erro de pronúncia da expressão *we defend* como *we defend*, não acontecer por conta da interferência do seu correlado no português, nomeadamente, a expressão *nós defendemos*. Nesse caso, o falante de português perspetivaria a palavra em inglês como portadora do acento na penúltima sílaba, porque dessa feita decorre o seu correlato no português.

Entretanto, a posição de Köpke (2007) não é o único motivo pelo qual, ao menos sem alguma informação empírica, se pode asserir que o sufixo do português poderia interferir na atribuição acentual do inglês. Outro fator a ser considerado é a falta de evidência para que se possa generalizar a influência do afixo do português a partir do exemplo acima.

Ora, o facto de não se concluir que o sufixo do português teria algum papel na atribuição do acento do inglês pelos falantes de português, não anula a ocorrência de interferência do português no inglês ao nível da pronúncia, conforme evidenciado no capítulo 3. Para além disso, a hipótese de que o afixo do português é relevante na aquisição do acento do inglês, junto a todo o arcabouço teórico desta dissertação, serviria de ponto de partida para trabalhos futuros.

(ii) Ocorreria a transferência da sensibilidade do peso silábico do português para o inglês.

Ainda no que diz respeito a discussão do capítulo 3, o padrão de peso silábico do português poderia ser transferido de uma língua para outra aquando da aprendizagem do acento da língua inglesa. Essa possibilidade foi perspectivada à luz dos trabalhos de Kato (2005), Smith (2007), Grosjean (1992, 2012), Lee (1994) Pereira (1999); Mateus e Andrade (2000); Mateus et al.(2003), Bisol (1992); Brandão de Carvalho (2011), Wetzels (2007) e Veloso (2007). A análise levou em conta a afirmação de Kato (2005) segundo a qual o sujeito buscava o menor custo derivacional aquando da aprendizagem de uma L2, noutras palavras, transporia as estruturas do português para o inglês, pelo menos nos níveis iniciais do processo de aquisição.

A verificação da transferência do padrão do peso silábico seria, de facto, um procedimento de alto nível de complexidade pelo que a atribuição do acento no português é vista de duas formas distintas, porque uns autores defendem a tese dos fatores morfológicos (Lee, 1994; Pereira, 1999; Mateus & Andrade, 2000; Mateus et al.,2003), outros apoiam o papel do peso silábico ao menos em parte na atribuição do acento no português (Bisol, 1992; Brandão de Carvalho, 2011;Wetzels, 2007; Veloso ,2007). Assim sendo, antes de verificar a existencia dessa transferência, ter-se-ia de saber se no português o acento é atribuído unicamente por fatores morfológicos ou em parte pelo peso silábico.

Desse modo, a verificação da influência das regras de peso silábico do português na aquisição do acento do inglês, fundamentada no aparato teórico exposto até aqui, torna-se inviável. Todavia, essa constatação não impede que após a recolha de dados

empíricos ou ainda de mais alguma teoria chegue-se a conclusões mais abrangentes acerca do fenômeno.

O alargamento de perspectiva causado por um estudo de cariz empírico e de mais alguma teoria; poderia levar a uma resposta acerca não apenas da transferência das regras de peso silábico, como do papel do afixo do português para atribuição do acento na língua inglesa. Para além disso, este trabalho pode servir de fundamentação teórica para investigações posteriores, pelo que aborda aspetos os quais são indispensáveis para o estudo do acento do português e inglês, tal como da sua aquisição.



## Referências bibliográficas

Aquino, C. (2014), *A sílaba cvc e sua função no sistema*. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2146/1/456597.pdf>, acessado em: 21.04.2020.

Bagno, M. (2007). *Gramática histórica do latim ao português brasileiro*. Compilação não publicada, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Disponível em: [www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100](http://www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100), acessado em: 17.06.2019. Barbosa, J.M

Bisol, L. (1992, Junho). O acento e o pé-métrico binário. *Caderno de Estudos Linguísticos*, pp. 69-80 (22). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636897>, acessado em: 6.02.2019.

\_\_\_\_\_. (1999). Os constituintes prosódicos. In Bisol, L (org.), *Introdução a estudos do português brasileiro* (pp. 229-241). Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS.

Brandão de Carvalho, J. (1992). Contrastive hierarchies, privative features, and Portuguese vowels. *Linguística*, 6(1), pp. 51-66.

Castelo, A. (2017). Ensino da componente fonético-fonológica. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 2, pp. 41-72.

Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.

\_\_\_\_\_. (1981). Principles and Parameters in Syntactic Theory. In: Hornstein, N.; Lightfoot, D. (Ed.) *Explanation in Linguistics: the logical problem of language acquisition*. London: Longman.

Chomsky, N. & Hall, M. (1968). *The sound pattern of English*. Nova Iorque: Harper and Row.

\_\_\_\_\_. (1986). *Knowledge of Language: its origin, nature and use*. Nova Iorque: Praeger.

Collins, B; Mees, I. M. (2008). *Practical Phonetics and Phonology: a resource book for students*. Oxon: Routledge.

Collischon, G. (1999). O acento em português. In Bisol, L (org.), *Introdução a estudos do português brasileiro* (pp.125-132). Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS.

\_\_\_\_\_. (2001). A sílaba em português. In Bisol, L (org.), *Introdução a estudos do português brasileiro* (pp. 107-123). Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS.

Corder, P. (1967). The Significance of Learner's errors. *International Review of Applied Linguistics*, 5, pp. 161-170.

Correia, S. (2009). *The Acquisition of Primary Word Stress in European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa. Disponível em: [repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3476/5/ulsd58086\\_td\\_Tese.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3476/5/ulsd58086_td_Tese.pdf), acedido em: 30.01.2019.

Cruttenden, A. (1997). *Intonation*. Nova Iorque: CUP.

Crystal, D. (2008). *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Derwing, T. M. & Munro, M. J. (2005). Second language accent and pronunciation teaching: A research based approach. *TESOL Quarterly*, 39 (3), pp. 379-397.

Ewen, C. & Van der Hulst, H. (2001). *The phonological structure of words: an introduction*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

Ferreira, M. S. (2012). *Contributos para uma definição de palavra fonológica*. Tese de Mestrado em Linguística, Universidade do Porto, Porto. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=498161](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=498161), acedido em: 01.10.2018.

Fragozo, C. (2017). *Aquisição de regras fonológicas do inglês por falantes de português brasileiro*. Doutoramento em Linguística, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/index.php>, acedido em: 23.03.2020.

Franco, J. & Silvestre, J. (2012). Introdução. In J, Franco & J, Silvestre (eds.), *Gramática da linguagem portuguesa* (Ed. fac-simile), (pp.7-35). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fromkin, V. (2003). *An Introduction to Language*. Boston: Thomson & Heinle.

Fry, D. B. (1958). Experiments in the Perception of Stress. *Londres: University College*, 1, pp. 126-152. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002383095800100207>, acedido em: 05.08.2020.

Garcia, G. (2012). *Aquisição de acento primário em inglês por falantes de português: uma análise de derivações com sufixos não neutros via algoritmo de aprendizagem gradual*. Tese de Mestrado em Linguística, Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56026>, acessado em: 10.02.2020.

Giegerich, H. J. (1992). An Introduction, *English Phonology*. Cambridge: CUP.

Gilakjani, A. P. (2012). The signification of Pronunciation in English Language Teaching. *English Language Teaching*, 5 (4), pp. 96-107.

Goldsmith, J. (1989). *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford, Cambridge, MA: Basil Blackwell.

Goldstein, L; Chitoran, I.; Selkirk, E. (2007). Syllable structured as coupled oscillator modes: evidence from Georgian vs. Tashlhiyt berber. *ICPhS*, 16, (pp. 2153-2156).

Grosjean, F. (1992). *Another view of Bilingualism*. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166411508614879>, acessado em: 29.06.2020.

Gussenhoven, C & Jacobs, H. (2005). *Understanding phonology*. Nova Iorque: OUP.

Halle, M & Vergnaud, J. R. (1987). *An essay on stress*. Cambridge, MA: MIT Press.

Harris, J.W. (1983). *Syllable Structure and Stress in Spanish*. Cambridge, MA: MIT Press.

Hayes, B. (1980). *A metrical theory of stress rules*. Tese de Pós-Doutoramento. Massachusetts Institute of Technology. Edição revisada pelo clube de linguística da Universidade de Indiana. Publicada em 1985. Nova Iorque: Garland.

\_\_\_\_\_. (1982). Extrametricality and English Stress. *Linguistic Inquiry* 13, pp. 227-276. Disponível em: <https://linguistics.ucla.edu/people/hayes/papers/Hayes1982ExtrametricalityAndEnglishStress.pdf>, acessado em: 23.03.2020.

\_\_\_\_\_. (1989). The prosodic hierarchy in meter. In Kiparsky, P. e Youmans, G. (Ed.), *Rhythm and meter*. Orlando, FL: Academic Press, pp. 201-260.

\_\_\_\_\_. (1995). *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press.

Itô, J. (1986). *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. New York: Garland Publishing.

Kager, R. (1995). The metrical theory of word stress. In J. Goldsmith, *The handbook of Phonological Theory* (pp. 195-228). Cambridge: Cambridge University Press.

Kato, M. (2002). A evolução da noção de parâmetros. *Revista DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, Brasil, 18 (2). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502002000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502002000200006&script=sci_arttext), acessado em: 25.04.2020

\_\_\_\_\_. (2005). A contribuição chomskyana para a compreensão da aprendizagem de L2. *Revista de Trabalhos de Linguística Aplicada da UNICAMP*, Campinas, Brasil, 44 (2), pp. 185-199. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639403>, acessado em: 02.04.2020.

Köpke, B. (2007). Language attrition at the crossroads of brain, mind and society. In B. Köpke *et al.* (eds.), *Language Attrition* (pp. 9-31). Amsterdam: John Benjamin Publishing.

Lee, S.H. (1994). A regra do acento do português: outra alternativa. *Letras de Hoje*. 29 (4), (pp. 37-42).

\_\_\_\_\_. (2006). Teoria da otimalidade e mudança linguística: evolução do acento em português. *Scripta*, Belo Horizonte, 45-61 (9), 1o semestre. Disponível em: [periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12593](http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12593), acessado em: 06.02.2019.

Magalhães, J. (2016). Main Stress and Secondary Stress in Brazilian and European Portuguese. In L. Wetzels *et al.* (eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 109-113). Oxford, UK: John Wiley & Sons, Inc.

Massini-Cagliari, G. (1999). Sobre o Lugar do Acento de Palavra em uma Teoria Fonológica. In: Abaure, M.B e Wetzels, L. (Orgs.), *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 23. Campinas: UNICAMP/IEL. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636849>, acessado em: 12.05.2020.

Mateus, Maria Helena Mira. *et al.* (1982). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

Mateus, M. H. M. *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

Mateus, M. H. M & Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Nova Iorque: OUP.

- Nespor, N. & Vogel, I. (1986). *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.
- Nespor, N. & Vogel, I. (2007). *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Nováková, P. (2007). *Stress and Rhythm in English and Czech* (Monografia, Universidade de Brno, República Checa). Disponível em: [https://is.muni.cz/th/109313/ff\\_b/?lang=en;so=nx;objem=1](https://is.muni.cz/th/109313/ff_b/?lang=en;so=nx;objem=1), acessado em: 24.04.2019.
- Paradis, M. (2007). L1 attrition features predicted by a neurolinguistic theory of bilingualism. In B. Köpcke et al. (Eds.), *Language Attrition* (pp.121-130). Amsterdam: John Benjamin Publishing.
- Pater, J. (1995). *On the nonuniformity of weight to stress and stress preservation effects in English*. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.387.4457&rep=rep1&type=pdf>, acessado em: 20.07.2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166411508614879>, acessado em: 29.06.2020.
- Pereira, I. (1999). *O acento de palavra em português. Uma análise métrica* (Dissertação de Doutoramento) Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Post, A. P. (2010). *Estratégias de reparo na atribuição do acento primário do inglês por falantes nativos de PB*. Dissertação de Mestrado, UFSM, Santa Maria, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9826>, acessado em: 25.04.2020.
- Roca, I. (1999). Stress in the Romance Language. In H. van der Hulst, *World Prosodic Systems in the Languages of Europe* (vol. 4, pp. 659-812). Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, 10, pp. 209-231.
- Selkirk, E. (1980). Prosodic domains in phonology: Sanskrit revisited. In M. Aronoff, & M.L Kean (Eds.), *Juncture*, pp. 107-129. Saratoga, CA, EUA: Anma Libri.
- \_\_\_\_\_. (1982). *The Syntax of Words*. Cambridge: MIT Press.
- Smith, M. (2007). Understanding attrition within a MOGUL framework. In Köpcke, B; Schmid, M; Keijzer, M & Dostert (Eds.), *Language attrition: theoretical perspectives*, pp. 39-51. Edimburgo, Escócia: Heriot-Watt University.

Stander, L. (2007). *A aquisição do acento primário em inglês como LE: o caso de palavras sufixadas à luz da teoria da otimalidade* (Tese de Mestrado, UCPel, Pelotas, Brasil). Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Acento\\_primario\\_em\\_Ingles-Leticia\\_Farias.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Acento_primario_em_Ingles-Leticia_Farias.pdf), acessado em: 25.04.2020.

Schumann, J.H. (1997). *The neurobiology of affect in language*. Malden, MA: Blackwell.

Van der Hulst, H. (1999). *Word prosodic systems in the languages of Europe (Empirical approaches to language typology/eurotyp)*. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter.

\_\_\_\_\_. (2010). *Word accent: terms, typologies and theories*. In van der Hulst, H; Goedemans, R & van Zanten, E (eds.), *A survey of word accentual patterns in the languages of the world* (pp. 3-54). Berlim: Mouton de Gruyter.

Veloso, J. (2017). Monossílabos CV do português: leves e degenerados? Sonoridade vocálica e iteração de elementos na atribuição de peso e na minimalidade em português. *Linguística*, 12, 201-226.

Wetzels, L. (2006, 2007). Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, Ubiquity Press, 9-58. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00684325/document>, acessado em: 07.02.2019.

Yavas, M. (2006). *Applied English Phonology*. Malden: Blackwell Publishers.